



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

MARCIO RODRIGO DE OLIVEIRA

**RELAÇÃO ENTRE EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO NOS MUNICÍPIOS PARANAENSES EM 2010**

LARANJEIRAS DO SUL

2016

MARCIO RODRIGO DE OLIVEIRA

**RELAÇÃO ENTRE EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO NOS MUNICÍPIOS PARANAENSES EM 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul-PR - como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Professor Ms. Rafael Stefenon

LARANJEIRAS DO SUL

2016

Oliveira, Marcio Rodrigo de
Relação entre empreendedorismo e desenvolvimento
econômico nos municípios paranaenses em 2010/ Marcio
Rodrigo de Oliveira. -- 2016.
77 f.:il.

Orientador: Rafael Stefenon.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de ciências
Econômicas , Laranjeiras do Sul, PR, 2016.

1. Empreendedorismo. 2. Desenvolvimento Econômico. 3.
Políticas Públicas. 4. Trabalhador por Conta Própria. I.
Stefenon, Rafael, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Fronteira Sul
Curso de graduação em Ciências Econômicas



Ministério da Educação
Universidade Federal da
Fronteira Sul

Reitoria

Avenida Getúlio Vargas, 609
Edifício Engemed, 2º Andar
Chapecó - Santa Catarina
Brasil - CEP 89.812-000
(49)2049-1400

www.uffs.edu.br
contato@uffs.edu.br

Campus Laranjeiras do Sul

Rua Oscar Pereira Guedes, 01
Vila Alberti - Laranjeiras do Sul
- Paraná - CEP 85303-820
(42) 3635-8650

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos 15 dias do mês de DEZEMBRO de 2016, às 14:00 horas, em sessão pública na sala Auditorio - Bloco A do Campus Laranjeiras do Sul da UFFS, na presença da Banca Examinadora presidida pelo(a) Professor(a) Orientador(a):

RAFAEL STEFENON

e composta pelos Professores(as) Examinadores(as):

1. ANTONIO MAMA DA SILVA CANPES e
2. DEISE MANA BOURSCHEIDT,

o(a) aluno(a) MARCIO RODRIGO DE OLIVEIRA apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: RELAÇÃO ENTRE EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NOS MUNICÍPIOS PARANAENSES EM 2010 como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Bacharelado em Ciências Econômicas. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela APROVAÇÃO do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente ao aluno e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.

Presidente da Banca Examinadora e Professor(a) Orientador(a)

Examinador(a) 01

Deise M. Bourscheidt
Examinador(a) 02

Marcio Rodrigo de Oliveira

Aluno(a)

Dedico este trabalho em especial a minha mãe Romilda de Oliveira (in memoriam) por ser a grande responsável pela minha formação pessoal, e pelo incentivo e apoio. Aos meus amigos e professores que me ajudaram e motivaram nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho, em especial a minha mãe Romilda de Oliveira (in memoriam) minha maior inspiração, mulher guerreira, que apesar do pouco estudo me ensinou a nunca desistir e lutar pelos sonhos.

Aos professores do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, pelo empenho dedicado durante todo o processo de aprendizado, especialmente ao meu orientador Professor Ms. Rafael Stefenon pela orientação, companheirismo e conhecimento oferecido durante a realização deste estudo.

A todos os amigos que conquistei durante o curso, de modo especial aos amigos (as) Indiane Witcel Rubenich, Thais Regina Mazor, Everly Jasinski, Prof^o Rafael Stefenon e Andrea Rodrigues que me acompanharam durante essa etapa tão importante de minha vida, me proporcionando momentos divertidos e inesquecíveis, e apoiando em momentos difíceis.

À família pela motivação, paciência e compreensão dispensada durante este período de intensa dedicação aos estudos.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre os indicadores que expressam desenvolvimento econômico e empreendedorismo nos municípios paranaense no ano de 2010. No quadro teórico são discutidos os conceitos de empreendedorismo, desenvolvimento econômico e teorias sobre desenvolvimento econômico que envolva empreendedorismo. Metodologicamente, para relacionar os indicadores foram utilizados dados do Censo Demográfico de 2010 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e no Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), sendo realizada regressão simples para se conhecer a relação do empreendedorismo (taxa de empreendedorismo) com o desenvolvimento econômico (IDH, GINI, PIB per capita e Taxa de desemprego). Aliado a isso, foi construído o perfil do trabalhador por conta própria (*proxy* utilizada para expressar o empreendedorismo paranaense). O intuito foi caracterizar o empreendedor e identificar possíveis conjunturas que embasassem os resultados quantitativos da pesquisa. O principal resultado deste trabalho mostra que o empreendedorismo tem impacto relevante sobre o desemprego, quanto maior as taxas de empreendedorismo nos municípios paranaense menor as taxas apresentadas de desemprego. Não obstante, o empreendedorismo não apresentou efeito significativo sobre o desenvolvimento econômico quando analisado a relação entre empreendedorismo e os demais indicadores supracitados. Isso remete a uma reflexão sobre a relação estabelecida entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico, na qual fica evidente que o empreendedorismo gerado por necessidade, isto é, aquele que é gerado visando à subsistência não contribui para melhoria da qualidade de vida da população. Nesse sentido, conclui-se que é necessária a construção de políticas públicas que fomentem o empreendedorismo por oportunidade, visando principalmente o desenvolvimento de negócios que gerem inovação e mudanças de paradigma, além de ações que levem os empreendedores a cooperação na finalidade de melhoria na capacidade competitiva.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Desenvolvimento Econômico. Trabalhador por Conta Própria. Políticas Públicas.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the relationship between the indicators that express economic development and entrepreneurship in the municipalities of Paraná in the year 2010. The theoretical framework discusses the concepts of entrepreneurship, economic development and economic development theories that involve entrepreneurship. Methodologically, in order to relate the indicators, data from the 2010 Demographic Census prepared by the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Brazilian (IBGE) and the Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) were used. A simple regression was performed to know the entrepreneurship relationship (Rate of entrepreneurship) with economic development (IDH, GINI, PIB per capita and Unemployment rate). Allied to this, the profile of the self-employed was built (a proxy used to express the entrepreneurship of Paraná), the purpose was to characterize the entrepreneur and identify possible conjunctures that would support the quantitative results of the research. The main result of this study shows that entrepreneurship has a relevant impact on unemployment, the higher the entrepreneurship rates in the municipalities of Paraná, the lower the rates of unemployment. Nevertheless, entrepreneurship did not have a significant effect on economic development when analyzed the relationship between entrepreneurship and the other indicators mentioned above. This refers to a reflection on the established relationship between entrepreneurship and economic development, in which it is evident that entrepreneurship generated by necessity, that is, that generated for subsistence does not contribute to the improvement of the quality of life of the population. In this sense, it is concluded that it is necessary to build public policies that foster entrepreneurship by opportunity, aiming mainly at the development of businesses that generate innovation and paradigm changes, as well as actions that lead entrepreneurs to cooperation in the purpose of improving capacity Competitive.

Keywords: Entrepreneurship. Economic development. Self-employed. Public Policy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Distribuição percentual da população de 10 anos ou mais ocupada, total e trabalhadores por conta própria, segundo rendimento nominal mensal - Paraná - 2010.	37
Tabela 02 – Número total de trabalhadores por conta própria e de trabalhadores por conta própria não contribuintes da previdência social, segundo rendimentos - Paraná -2010.	40
Tabela 03 – Resultados do modelo de regressão – Taxa empreendedorismo e Taxa de Desemprego.....	47
Tabela 04 – Resultados do modelo de regressão – Taxa empreendedorismo e Índice de GINI.	49
Tabela 05 – Resultados do modelo de regressão – Taxa empreendedorismo e IDH.	50
Tabela 06 – Resultados do modelo de regressão – Taxa Empreendedorismo e PIB per Capita.	52
Tabela 07 – Correlação de Pearson.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Sexo e Domicílio do Trabalhador por Conta Própria.....	35
Gráfico 02 – Setores Econômicos Paranaenses.	36
Gráfico 03 – Nível de Escolaridade do Trabalhador Conta Própria paranaense.	38
Gráfico 04 – Remuneração do trabalhador por conta própria.....	39
Gráfico 05 – Contribuintes por sexo.	41
Gráfico 06 – Diferença de remuneração entre homens e mulheres.	42
Gráfico 07 – Horas habitualmente trabalhadas por semana.	43
Gráfico 08 – Idade do TCP.	44
Gráfico 09 – dos trabalhadores paranaenses, segundo a escolaridade.	45
Gráfico 10 – Taxa empreendedorismo e taxa de Desemprego.	48
Gráfico 11 – Taxa empreendedorismo e Índice de GINI.	50
Gráfico 12 – Taxa de empreendedorismo e IDH.	51
Gráfico 13 – Taxa empreendedorismo e PIB Per Capita.	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2	OBJETIVOS	12
1.2.1	Objetivo Geral	12
1.2.2	Objetivos Específicos	12
1.3	JUSTIFICATIVA.....	13
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	EMPREENDEDORISMO	14
2.1.1	O empreendedorismo na teoria econômica	15
2.2	DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	17
2.2.1	Conceito de desenvolvimento econômico	17
2.2.2	Teorias do desenvolvimento econômico	18
2.3	O EMPREENDEDORISMO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	24
3	METODOLOGIA.....	28
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	28
3.1.1	Quanto aos objetivos.....	28
3.1.2	Quanto aos procedimentos	28
3.1.3	Quanto à abordagem	29
3.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	30
3.3	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	32
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1	PERFIL DO TRABALHADOR POR CONTA PRÓPRIA PARANAENSE	34
4.2	ANÁLISE DAS REGRESSÕES E DISCUSSÃO	46
5	CONCLUSÃO	58
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICE – TABELA COM OS DADOS DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS	62

1 INTRODUÇÃO

O debate acerca da natureza, estágios e espacialidades do processo de desenvolvimento econômico é um dos principais objetos de investigação no âmbito das ciências econômicas. No caso brasileiro, é evidente um processo histórico de concentração de atividades industriais em grandes centros, contribuindo para o atraso socioeconômico dos municípios de menor porte. Aliás, esse processo também é observado no estado do Paraná, onde as desigualdades regionais têm se acentuado (FÉLIX e FARAH JÚNIOR, 2013).

A partir deste contexto de desigualdades regionais, é fundamental que os municípios periféricos concebam estratégias alternativas para se desenvolverem, sendo uma dessas escolhas o estímulo (direto e indireto) ao empreendedorismo.

De fato, um ator importante no processo de desenvolvimento é o empreendedor. Na visão de Schumpeter (1911), esse tipo de empresário possui uma função importantíssima.

A realização de combinações novas é ainda uma função especial, e o privilégio de um tipo de pessoa que é muito menos numeroso do que todos os que têm a possibilidade “objetiva” de fazê-lo. Portanto, finalmente, os empresários são um tipo especial e o seu comportamento um problema especial, a força motriz de um grande número de fenômenos significativos (SCHUMPETER, 1911, p. 82).

A essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios, pois a partir da atividade empreendedora que são introduzidas no mercado as inovações, tornando tecnologias e produtos obsoletos, e principalmente gerando aumento da concorrência no mercado, contribuindo para melhoria da eficiência econômica (BARROS e PEREIRA, 2008).

Nessa perspectiva, no Brasil em 2010 haviam 4,5 milhões de negócios, dos que 91,2% eram formados por empresas de pequeno e médio porte. Já em relação ao estado do Paraná, haviam 388.840 empreendimentos. Além disso, o pessoal ocupado nesses negócios, no estado do Paraná era de 2.046.481 trabalhadores (IBGE, 2010).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O intuito do presente trabalho é responder a questão que nasce a partir da contextualização apresentada, a qual investiga o empreendedorismo como agente no processo de desenvolvimento econômico. Diante disso, busca-se por meio desta pesquisa investigar:

Qual a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico nos municípios paranaenses em 2010?

Para alcançar a resposta da indagação supracitada, a seguir estão delimitados o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.2 OBJETIVOS

Nesse tópico serão abordados os objetivos gerais e específicos do projeto de pesquisa. O intuito da criação dos objetivos é explicar os passos que serão dados para que se possa responder o problema supracitado.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo principal desse trabalho é contribuir na linha de investigação científica no Brasil, especialmente a nível regional sobre a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico. Dessa forma, busca-se examinar o efeito da atividade empreendedora sobre o desenvolvimento econômico nos municípios paranaenses em 2010.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para chegar à resposta da questão proposta foram relacionados os seguintes objetivos específicos:

- i. Apresentar abordagem teórica relacionando empreendedorismo e desenvolvimento econômico;
- ii. Identificar indicadores que expressem empreendedorismo e desenvolvimento econômico;
- iii. Caracterizar os municípios paranaenses a partir dos indicadores de empreendedorismo e de desenvolvimento econômico;
- iv. Elaborar o perfil do empreendedor paranaense.
- v. Relacionar indicadores de empreendedorismo com indicadores de desenvolvimento econômico dos municípios paranaenses para o ano de 2010.

1.3 JUSTIFICATIVA

O trabalho justifica-se devido à importância dos pequenos negócios na constituição da estrutura produtiva do país, pois além da geração de produção, emprego e renda, esses negócios estão espalhados pelo território nacional, o que contribui na busca pela redução dos desequilíbrios regionais.

Nesse sentido, a pesquisa é relevante no âmbito acadêmico, pois será estudado o efeito que os empreendimentos criados pelos empreendedores causam no Estado do Paraná. Em suma, busca-se conhecer se essas iniciativas contribuem para o desenvolvimento econômico. Ressalta-se ainda a importância do tema ser abordado em termos regionais, podendo somar o resultado com outros trabalhos, contribuindo na compreensão da relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico no âmbito local.

Dessa forma, esse estudo poderá colaborar para o processo de entendimento sobre o impacto do empreendedorismo no desenvolvimento econômico dos municípios paranaenses, o que colaborará para possíveis formulações de políticas públicas e privadas capazes de fortalecer o empreendedorismo como estratégia de desenvolvimento.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 EMPREENDEDORISMO

A palavra *empreendedorismo* é um neologismo da tradução literal da palavra em inglês *entrepreneurship*, que menciona os estudos relativos ao empreendedor, suas características e seu universo de atuação (DORNELAS, 2012). Há várias definições de empreendedorismo, podendo ser citadas conceitos nas áreas de administração, psicologia e entre outras. Porém, o foco será dado na visão das ciências econômicas sobre o empreendedorismo.

O termo *empreendedor* tem origem francesa e designa a pessoa que assume riscos e cria algo novo. Dornelas (2012) cita um exemplo ao longo da história humana para criar uma definição de empreendedorismo, creditando a Marco Polo – navegador que estabeleceu a rota comercial para o Oriente – como empreendedor. Marco Polo assinou contrato com um homem que possuía dinheiro para vender suas mercadorias. Desse modo, o dono dos produtos era alguém que assumia riscos passivamente, o aventureiro assumia papel ativo, correndo riscos físicos e emocionais.

Para o Global Entrepreneurship Monitor - GEM¹ (2000, pág. 06) empreendedorismo pode ser definida como “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento, como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa, ou a expansão de empreendimento existente, por um indivíduo, grupos de indivíduos ou por empresas já estabelecidas”.

Dornelas (2012) define o empreendedorismo como o envolvimento de pessoas e ações, que conjuntamente, transformam ideias em oportunidades de negócio. Cabe dar relevância ao papel desse ator econômico para o desenvolvimento econômico, pois a partir desses que se pode pensar empreendimentos orientados para novas oportunidades, sendo assim, o empreendedor é estudado pela teoria econômica desde o século XVIII, ganhando maior importância nos estudos a partir do século XX, como será visto a seguir.

¹ GEM: É a pesquisa anual mais abrangente sobre a atividade empreendedora no mundo e analisa de forma detalhada o papel do empreendedorismo no desenvolvimento socioeconômico dos países participantes.

2.1.1 O empreendedorismo na teoria econômica

Nesse tópico será discutida a visão de empreendedorismo dentro das diferentes abordagens da teoria econômica, passando por teóricos da escola clássica, Marshall, Schumpeter e institucionalistas.

Entre os economistas clássicos, Richard Cantillon e Jean Baptiste Say foram os pioneiros a debater sobre empreendedorismo. Os autores definiam o empreendedor como pessoas que corriam riscos, essencialmente por que investiam seu próprio capital (FILLION, 1999).

Cantillon (2002) tinha uma visão de empreendedor das pessoas que assumiam riscos no processo de comprar produtos e serviços, e revendê-los mais tarde por um preço incerto. No seu livro publicado em 1755, Cantillon define o empreendedor como aquele que vive na incerteza, um indivíduo racional que assume riscos e gere a empresa com o objetivo de gerar lucro (OLIVEIRA, 2012).

Say apud Schumpeter (1961) afirmava que os empreendedores exercem funções de reunir diferentes fatores de produção, de gestão e a capacidade de assumir riscos. Schumpeter relata ainda que esse processo só será inovador na primeira vez que o empresário combinar os fatores produtivos, após isso, as atividades serão simplesmente repetitivas tornando-o um mero empresário (SCHUMPETER, 1961).

Adam Smith na sua obra “A riqueza das nações” refere-se ao empreendedor como um tipo único de empresário, diferenciando-o dos demais. Enquanto existe o aventureiro ou especulador que investe seu capital em empreendimentos de alto risco, e o projetor que arquiteta e realiza projeto medindo riscos e agindo de forma mais ponderada. O empreendedor é definido por Smith como a pessoa que reage às mudanças econômicas e tem a capacidade de transformar a procura em oferta (OLIVEIRA, 2012).

Não obstante, Smith falhou em não distinguir a figura do empresário empreendedor, ligando seu papel ao do capitalista (ZEN E FRACASSO, 2008). Levando em consideração essa afirmação, os clássicos em geral pensavam de forma correlata, ou seja, não entendiam que havia distinção entre empresário e capitalista.

Há ainda outra visão do empreendedor desenvolvida pelo teórico Alfred Marshall, o qual define o empreendedor como alguém que assume riscos e se aventura, reunindo capital e trabalho, organizando esses fatores de produção e supervisionando cada detalhe de todo o processo, por fim caracteriza-o como uma pessoa que convive com o risco, inovação e pela gestão do negócio (CRUZ, 2005).

Em resumo, esses pensadores da teoria econômica clássica e A. Marshall, pensador neoclássico, acreditam que o empreendedor era alguém aventureiro, que corria riscos e buscava o lucro.

Como se pode notar o empreendedor é sempre ilustrado como uma pessoa que se envolve com os riscos e busca otimizar os fatores de produção no intuito de ter maiores ganhos. Porém, somente com Schumpeter (1911) que os empreendedores foram observados como agentes que possuem a força motriz do crescimento econômico. A partir deles que serão introduzidas no mercado inovações que tornam alguns produtos e as tecnologias existentes obsoletos, e principalmente aumento da concorrência no mercado, pois este último aspecto pode levar ao aumento da eficiência econômica.

Schumpeter (1911) explica que os empresários de pequenos negócios e dos empreendimentos antigos faziam várias funções, sendo o próprio gerente de compras e vendas, administrativo, diretor de pessoal, enfim, um consultor de negócios gerais. Dessa forma, o empresário não pode ser mais visto como a definição feita por Cantillon, Say, Smith e Marshall, que tratava o empresário como mero administrador de um negócio, e alguém que assumia riscos em busca do lucro.

Schumpeter (1911) diferencia o empreendedor da figura do administrador e do inventor. Enquanto o administrador é o agente econômico que gerencia um negócio em curso, o empreendedor incorpora uma nova ideia e a transforma em um empreendimento. Tão pouco se confunde com o inventor, sendo esse a pessoa que produz ideias, enquanto o empresário empreendedor faz com que os conceitos se tornem produtos e serviços, não constituindo necessariamente que o empreendedor compreenda algum conceito científico novo.

No processo de desenvolvimento econômico há três fatores essenciais: as inovações tecnológicas, o crédito bancário e o empresário inovador. Cabe ao empresário inovador a realização das novas combinações. Ele não é necessariamente alguém que conhece o processo das novas combinações, apenas identifica-as e usa-as eficientemente no processo produtivo. Também não precisa ser considerado o dono do capital, mas sim um agente capaz de mobilizá-lo. Sendo assim, o empreendedor não é um gerente de empresa que dirige um negócio estabelecido. Ressalta ainda que o empresário inovador não faz parte de nenhuma classe social, como os capitalistas e os trabalhadores, pois ser empresário não significa ter uma profissão permanente (SCHUMPETER, 1961).

Em suma, pode-se destacar a importância da teoria de Schumpeter para o debate do papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico, pois segunda sua visão é por

meio das iniciativas criadas por esses atores econômicos é que haverá a possibilidade de mudanças de *status quo* e ocorrer o impulso para o desenvolvimento econômico.

Há ainda outra vertente teórica que discute o empreendedorismo que é denominada escola institucionalista. Essa abordagem discute o papel das instituições e as dificuldades para quebrar o padrão existente na sociedade, na qual há grandes proprietários/empresários que dificultam o crescimento das pequenas empresas criadas via empreendedorismo.

Dentro dessa abordagem o economista Douglas North contribui para a discussão sobre o papel das instituições, sejam elas as formais ou informais, para o desenvolvimento de novos empreendimentos na economia. Sendo assim, as instituições são denominadas pelo autor como “as regras do jogo” em dada sociedade, podendo defini-las como limitações ou incentivos idealizados pelo homem (BAGGIO e BAGGIO, 2014).

North cita como principais instituições formais: as regras, leis e regulamentos governamentais. Por outro lado, as instituições informais compreendem as crenças, ideais, atitudes e valores das pessoas. As instituições afetam positiva ou negativamente a performance econômica das organizações. Nessa discussão de efeitos gerados pelas instituições frisa-se a importância da criação de um ambiente institucional que estimule o surgimento de organizações, sejam elas econômicas, sociais ou políticas que levem ao desenvolvimento socioeconômico (BAGGIO e BAGGIO, 2014).

De forma condensada Douglas North ressalta como as instituições podem afetar positiva ou negativamente o surgimento de novos empreendimentos, pois os empreendedores estarão suscetíveis às “regras do jogo” criadas por determinada sociedade.

2.2 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Nessa seção será discutido o conceito de desenvolvimento econômico, abordando a discussão sobre a diferença entre desenvolvimento econômico e crescimento econômico. Após, serão abordadas as principais teorias sobre desenvolvimento econômico.

2.2.1 Conceito de desenvolvimento econômico

Inicialmente é importante discutir a definição de desenvolvimento econômico, principalmente por que há um debate sobre essa conceituação, não existindo um significado universal. Dessa forma, existem duas correntes de economistas que discutem essa *conceituação*. A primeira defende a ideia que crescimento é sinônimo de desenvolvimento. A

segunda corrente entende o crescimento como condição indispensável para o desenvolvimento, mas não condição suficiente (SOUZA, 2012).

Ligados a ideia de desenvolvimento como sinônimo de crescimento, emergem modelos que realçam apenas a acumulação de capital, solução simplificadora da realidade. Essas proposições explicam desenvolvimento coligado ao crescimento econômico a partir da distribuição direta da renda entre os proprietários dos fatores de produção, processo esse que leva automaticamente a melhoria da qualidade dos padrões de vida e ao desenvolvimento econômico (SOUZA, 2012).

Conquanto, o que se pode notar na realidade é que não se pode confundir desenvolvimento econômico com crescimento econômico, por que nem sempre o fruto do crescimento econômico favorecerá a economia e a sociedade como um todo.

2.2.2 Teorias do desenvolvimento econômico

De acordo com Souza (2012) as teorias das ciências econômicas inicialmente discutiam formulações que abordavam temas relacionados com acumulação de capital, nível de emprego e crescimento econômico. A discussão propriamente dita sobre desenvolvimento econômico emergiu somente no século XX, acrescentando variáveis socioeconômicas no debate.

A primeira abordagem é relacionada com a distribuição de renda, na qual são incluídos os teóricos clássicos. O principal juízo dessas teorias era de que primeiramente fosse necessário elevar a produção e realizar a distribuição da renda total entre os grupos de proprietários dos distintos fatores de produção. Anteriormente a isso, existia outra linha de pensamento, chamados de fisiocratas, que se baseava na premissa que a agricultura era o único setor produtivo capaz de gerar excedentes, todos os demais se assentavam sobre essa base, limitando-se a transformar a aparência do produto, porém sem agregar valor (ALVAREZ, 1996).

Essa preocupação sobre a geração de excedentes motivou Adam Smith, um dos principais membros da escola inglesa de economia, que corrobora que a manufatura tem papel preponderante conjuntamente com o setor agrícola. Smith buscou explicar como era dada a repartição entre os grupos dos trabalhadores, dos detentores de capital e proprietários de terra (ALVAREZ, 1996).

Defensor do livre mercado, Smith afirmava que existia taxas naturais para as quais tendiam as remunerações dos grupos que participavam na produção. Os salários tenderiam

para níveis de subsistência, ou seja, valor suficiente para conservar e reproduzir a força de trabalho. Quanto aos lucros, como era um mercado de livre concorrência, com aumento progressivo das oportunidades de lucro, a tendência era que houvesse uma taxa natural dos lucros que seria suficiente apenas para a manutenção do capital (ALVAREZ, 1996).

As ideias iniciais de Adam Smith foram consolidadas por David Ricardo, o qual enfatizou a destruição do ideal de harmonia na sociedade, se atendo a questão do proprietário de terra, cujos interesses eram opostos aos dos trabalhadores e capitalistas, visando sempre à queda dos preços dos salários e conseqüentemente o custo de subsistência. Ricardo consolidou a visão da taxa de lucro como reguladora da taxa de crescimento econômico, isto é, os superávits dos lucros serviriam como incremento posterior no produto (ALVAREZ, 1996).

A partir da teoria Ricardiana brotou a ideia marxista de exploração, levando ao aprofundamento da discussão acerca da teoria do valor do trabalho, que evidenciava que a quantidade de trabalho incorporado para produzir certa mercadoria superava o valor da força de trabalho paga pelos capitalistas na forma de salário, chegando a conclusão que o capital recebe um valor superior ao que emprega. Para manter os salários ao nível de subsistência Marx apontou para o que chamou de exército de reserva, contingente de trabalhadores desempregados que era renovado constantemente via aumento da população e inovações tecnológicas (SOUZA, 2012).

Marx entendia que esse processo de acumulação de excedente e seu reinvestimento levariam ao crescimento constante de capital. Por outro lado, conforme aumentasse o exército de reserva, o crescimento substancial de capital diminuiria a taxa de lucros, com isso, o aumento da concorrência entre os capitalistas reduziria progressivamente (SOUZA, 2012).

Sendo assim, a distribuição de renda seria desproporcional, grande parte da renda iria para uma ínfima minoria capitalista e o restante para os trabalhadores que sobreviviam de forma miserável. Todo esse contexto abarcaria tensões sociais, que refletiriam em mudanças no modo de produção e distribuição, o que Marx defendia como direção ao comunismo (ALVAREZ, 1996).

A linha de pensamento clássica e marxista que aborda estagnação, conflitos e revolução social foi substituída posteriormente pela visão harmoniosa da sociedade, ou seja, que haveria um equilíbrio, teorias essas defendidas pelos economistas neoclássicos e pós-keynesianos (ALVAREZ, 1996).

Segundo Alvarez (1996) a partir desse momento a ênfase deixa de ser nas classes sociais ou grupo econômico que o indivíduo faz parte na sociedade, centrando-se o debate

simplesmente no agente dotado de determinados fatores de produção em busca de remuneração por seus serviços. O sistema de mercado defendido por esses economistas é aquele que integra os diferentes fatores da produção e como melhor alocá-los. A preocupação volta-se para a eficiência na alocação, contrapondo a discussão que era feita anteriormente relativo à distribuição. A distribuição de renda nessa teoria está diretamente relacionada como aspectos microeconômicos, tais como preços relativos dos fatores que são derivados dos padrões de demanda e oferta vigentes.

Outro aspecto importante é a eliminação das distorções e intervenções sobre as forças de mercado para que o sistema se torne distributivamente justo. A. Marshall, economista da escola neoclássica, consolidou definições acerca das parcelas distributivas. O salário foi definido como a remuneração pelo esforço humano, sendo entendido tanto a nível dos trabalhadores quanto pelos proprietários. Marshall acrescentou na definição de lucro a taxa de juros, que seria a remuneração pelo adiamento do consumo presente mirando ganhos futuros (ALVAREZ, 1996).

A teoria marginalista resumidamente faz uma análise do mundo particular, ou seja, os indivíduos são motivados por seus interesses, de forma, que o indivíduo é competitivo por natureza, aceitando assim que a desigualdade de bem estar como consequência natural desse processo de concorrência, bem como o direito a propriedade (ALVAREZ, 1996).

Embora a teoria neoclássica tenha sido bem fundamentada em aspectos científicos, ela não ficou imune a críticas no início do século XX, principalmente por fatos históricos que ocorreram no período, como a grande depressão de 1930, que levou ao enfraquecimento das premissas de pleno emprego como estado normal da economia, que era cunhada graças ao funcionamento harmonioso do sistema de mercado (ALVAREZ, 1996).

Scitovski apud Alvarez (1996) resume a crítica a teoria marginalista em relação à distribuição de renda na falta de evidências diretas sobre o funcionamento do livre mercado, pois a teoria fundamenta-se numa analogia de um mercado perfeito.

No ambiente da grande depressão da década de 30, uma teoria heterodoxa ganhou força. A teoria defendida por Keynes estava centrada em situações que o pleno emprego não está garantido por nenhum mecanismo da economia marginalista. A teoria keynesiana se preocupa com os agregados macroeconômicos, como a determinação do nível de renda e emprego. Diferente da escola liberal, a teoria defendida por Keynes dá ênfase no papel do Estado para amenizar as crises e guiar a economia na busca do pleno emprego (SOUZA, 2012).

Para Keynes a economia de mercado funcionava com subemprego de recursos, não ao pleno emprego. Defendia que “para certas funções de produção, o nível do rendimento global é função do investimento e da propensão (marginal) para a despesa de consumo, ou dito de outra forma, do investimento e do multiplicador (o inverso da propensão para a poupança)” (PERROUX, 1981).

A teoria do equilíbrio macroeconômico ainda destaca que enquanto não chegar ao pleno emprego, haverá margem para o fluxo monetário adicional e esse suscitará em excesso de produto real mobilizando os recursos econômicos improdutivos, gerando uma forma de inflação produtiva. Para suprir a insuficiência de demanda efetiva, da despesa de consumo e de investimento Keynes propõe como solução o aumento da despesa de consumo ou do aumento do investimento por meio da diminuição da taxa de juros ou de investimento público (PERROUX, 1981).

Outra abordagem relevante são as teorias baseadas na inovação, como principal precursor Joseph A. Schumpeter no início do século XX e posteriormente reformulada por autores denominados neoschumpeterianos. Schumpeter introduziu o debate acerca da inovação como fator preponderante para o desenvolvimento econômico, em 1911, em sua obra intitulada “Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, Juro e o ciclo econômico”.

Schumpeter (1911) antepõe-se a teoria neoclássica de equilíbrio, destacando sua análise no papel do empresário inovador como ator capaz de realizar as novas combinações, levando ao surgimento de novos produtos, processos e mercados. As inovações quebrariam a lógica do fluxo circular. Dentro dessa lógica de descontinuidade do fluxo circular que até então era defendido pelos marginalistas como sendo um processo contínuo apenas de adaptação ao crescimento demográfico.

Com Schumpeter essa análise volta-se a discussão de como as inovações via novas combinações poderiam perturbar esse equilíbrio, isto é, por meio de mudanças revolucionárias que haveria o desenvolvimento econômico. Schumpeter negligencia a importância da demanda, priorizando a oferta, pois são os produtores que exercem as mudanças relevantes, cabendo aos consumidores consumir os novos produtos desenvolvidos (SOUZA, 2012).

Para que esse processo seja efetivado Schumpeter deposita papel relevante ao crédito, pois até então dentro da ideia de continuidade do fluxo circular os lucros seriam apenas suficientes para adaptar a produção ao novo patamar. Dessa forma, o crédito tem função primordial para que as inovações tornem-se realidade (SOUZA, 2012).

A teoria schumpeteriana discute como se dá a inovação no processo de desenvolvimento, denominando o processo pelo qual as empresas transformam a economia, como destruição criativa. Isto é, a inovação produz tanto desequilíbrios quanto desenvolvimento, levando em consideração que a competição capitalista deixa de ser investigada essencialmente via preço e passasse a discutir a nível de inovação tecnológica (MARTES, 2010).

Contrariando a ideia de Schumpeter que acreditava que as inovações ocorriam de forma aleatória, os neoschumpeterianos afirmam que esse processo de inovações é decorrente de pesquisas, experimentações e imitação. Ocorre que o empresário, faz pesquisas de mercado conhecendo os desejos de consumo do seu público alvo e gera novos produtos, ou simplesmente realiza o aperfeiçoamento dos produtos e processos existentes (melhorar a produtividade, reduzir custos e aumentar o lucro puro da empresa) (SOUZA, 2012).

De acordo com Souza (2012) nessa nova perspectiva da teoria de Schumpeter o crédito perde um pouco de peso, e propõe-se maior importância as inovações, pois conforme ocorrem intensamente inovações aumentam-se as fontes de recursos via lucros extraordinários, permitindo assim as firmas autofinanciar grande parte dos processos técnicos.

Ainda discutindo as mudanças tecnológicas como fator chave para o desenvolvimento econômico há algumas abordagens que discutem o papel da tecnologia: a primeira relaciona-a como fator exógeno ao processo produtivo, defendida por Solow; e a segunda dá ênfase na discussão sobre a função da tecnologia como fator endógeno à função produção, visão essa defendida por Lucas e Romer (VARELLA *et al*, 2012).

Solow defendia que o conhecimento poderia ser adquirido externamente, ou seja, nenhuma empresa necessitaria desenvolver conhecimento via produção própria, tendo gastos com pesquisa e desenvolvimento (VARELLA *et al*, 2012).

A teoria defendida por Lucas e Romer, que ganhou força nos anos de 1980 visava superar as limitações que até aquele momento levava a teoria focada no desenvolvimento endógeno, e que sofria vários ataques de economistas contrários, principalmente por que até então a teoria havia emperrado no progresso técnico exógeno. Sendo assim, esses autores desenvolveram uma teoria da mudança tecnológica, realocando o progresso técnico para dentro do modelo (SOUZA, 2012).

O primeiro passo foi admitir que os rendimentos de capital não fossem decrescentes ao longo prazo. O modelo admite que o crescimento econômico possa ocorrer indefinidamente porque o retorno sobre o investimento poderia não necessariamente diminuir conforme as

economias atingem estágios mais elevados de desenvolvimento. Isso pode ser explicado graças à propagação do conhecimento entre os produtores ou as economias externas de capital humano que permitem que ocorra aumento da produtividade. Dessa forma, o progresso técnico deixa de ser um advento do acaso para ser um fator efetivo que leva ao desenvolvimento econômico (SOUZA, 2012).

Em suma, pode-se dizer que enquanto os últimos autores defendem a importância da criação de inovação tecnológica e de conhecimento pelas empresas e organizações que fazem parte do processo produtivo, Solow fortifica a possibilidade que pode haver crescimento econômico desde que a inovação seja adquirida via importações de tecnologia e conhecimento.

Outra perspectiva no debate sobre o tema desenvolvimento econômico é a teoria que discute o papel das instituições em todo o processo de desenvolvimento. Inicialmente desenvolvida por Veblen, posteriormente, sendo aprofundada a discussão por Douglas North, a teoria critica a teoria neoclássica, principalmente seus pressupostos básicos, tais como, racionalidade e equilíbrio do mercado. Para esses autores a economia não é a soma das atividades desenvolvidas pelos indivíduos que são orientados para o lucro. Nesse ponto ressaltam como as instituições – entendidas por North como regras formais (leis, normas, constituições) e as regras informais (crenças, costumes, cultura e hábitos) e como ocorre sua aplicabilidade na estrutura das interações sociais. Dessa forma, as instituições moldam o comportamento das pessoas, e estas, por meio de suas ações, interferem na construção e modificação de tais instituições (PLEIN e FILIPPI, 2010).

Destaca-se ainda a crítica feita por North em relação à ideia neoclássica, entendendo que os mercados são imperfeitos, as informações assimétricas e os custos de transação são elevados. Afirma ainda que as instituições não são feitas para serem eficazes, citando como exemplo o caso das regras formais, que em geral são criadas para atender a interesses de quem possui o poder (PLEIN e FILIPPI, 2010).

Dentro dessa perspectiva as organizações são os principais agentes de uma sociedade, sendo elas que promovem o processo dinâmico da matriz institucional. Dessa forma, as organizações buscam maximizar o retorno de suas atividades interferindo nas regras do jogo (GALA, 2003).

Cabe ainda mencionar que na teoria institucionalista há incorporação da história na análise do desenvolvimento econômico, porém, ressaltasse que não existem evidências empíricas que comprovem que há relação direta das crenças e instituições no crescimento da economia (PLEIN e FILIPPI, 2010).

Pensando na difusão do conhecimento entre atores endógenos e o papel das instituições criadas por esses agentes ativos, há o fortalecimento de teorias que dão destaque no capital social e no fortalecimento de economias locais.

O capital social realça a importância da integração social e cooperativa entre os agentes que fazem parte de determinada sociedade. Sendo assim, Putman apud Bilert *et al.* (2011) define capital social como uma instituição de valores, normas, confiança, que ampara a cooperação de grupos sociais. O intuito é melhorar a atuação das comunidades em busca do desenvolvimento via o fortalecimento de estratégias que propiciem o desenvolvimento social e econômico de uma sociedade.

O conceito de capital social está implícito na proposta de desenvolvimento local, pois através dessa força motriz fundamentada na articulação entre os atores da sociedade local que pode ser criada redes de cooperação. A finalidade desse tipo de atividade que depende muito da mobilização dos atores sociais para resultar desenvolvimento é a melhoria das condições de vida da população. É interesse apontar que esse tipo de processo depende exclusivamente dos membros da sociedade e não da ação do Estado (BILERT, *et al.*, 2011).

Para que haja êxito no processo de desenvolvimento focado no capital social é necessário que exista na região certo grau de confiança, cultura e tradição de coletividade, onde prevaleçam os interesses coletivos (BILERT, *et al.*, 2011).

Sucintamente, as teorias com ênfase no capital social para gerar o desenvolvimento econômico focam na criação de mecanismos e ações que envolvam todos os atores da sociedade. Outro aspecto interessante é a cultura da coletividade, visando acima de tudo ações coletivas, como por exemplo, a criação de redes e *clusters* que poderão contribuir para a melhoria da produtividade e aumentar a competitividade de setores da economia local.

2.3 O EMPREENDEDORISMO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Nesse item será abordado o debate teórico de empreendedorismo e desenvolvimento econômico, relacionando teorias que abordam o empreendedorismo como fator importante para o desenvolvimento de regiões.

Albagli e Maciel (2002) conjecturam entre os enfoques adotados pelas teorias econômicas quando discutem o papel do empreendedorismo. De um lado, há a percepção que é predominante ainda atualmente, no qual se vê a atitude empreendedora a partir de decisões tomadas dentro da racionalidade individual e econômica, dando ênfase ao indivíduo empreendedor. Por outro lado, há a abordagem que foca no ponto de vista no qual explicita

que a motivação da criação de novos empreendimentos é um ambiente local que propicie condições favoráveis, focalizando na ideia de que os empreendedores não são seres isolados, porém, imersos em relações e estrutura sociais.

Dentro da perspectiva que envolve o indivíduo isoladamente destaca-se a teoria criada por Schumpeter em 1911, o qual destaca em sua análise o papel do empresário empreendedor como o motor do sistema econômico, sendo capaz de realizar novas combinações que levam ao desenvolvimento de novos produtos, processos e de mercados (ALBAGLI e MACIEL, 2002).

Não obstante, Schumpeter apud Martes (2010) aponta também para a importância do papel das instituições, em relação ao apoio ou aos entraves gerados por elas. Nesse sentido, as instituições de crédito, políticas e econômicas, permitem, inicialmente - dado a sua importância por disponibilizar capital e pela função de taxar juros - dar a base de sustentação para o empreendedorismo, e num segundo momento, servir de alavanca a um novo ciclo de crescimento. Por outro lado, as instituições podem também bloquear o desenvolvimento das ações empreendedoras.

Cabe ainda mencionar que a valorização da dimensão local para o desenvolvimento focando em estratégias via empreendimento faz com que exista maior propensão a melhoria de produtividade e competitividade, quando há mobilização de esforços de modo que incremente a dinâmica dos negócios. Dessa forma, ressalta-se a importância do papel do complexo que envolve instituições, costumes, relações de confiança, de forma que esse capital social mobilizado propicie melhoria da competitividade de forma integrada dos atores participantes (ALBAGLI e MACIEL, 2002).

Ainda em relação às instituições a escola institucionalista discute como as regras formais e informais criadas por essas instituições podem afetar o surgimento de empreendimentos. Nesse sentido Casero, Urbano e Mogollón apud Zarpellon (2014) trata como a teoria institucional analisa as diferentes formas de interação humana, em função das “regras do jogo” constituídas, as quais podem influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento econômico, e logo, a criação de empresas. Então cabe às instituições propiciarem condições adequadas para o surgimento de organizações que promovam o desenvolvimento econômico, como é o caso de empreendimentos econômicos.

Dentro do debate que envolve a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico há o estudo empírico desenvolvido por Barros e Pereira (2008) sobre a influência do empreendedorismo no crescimento econômico. Sendo assim apresenta uma importante contribuição em relação ao efeito gerado pela taxa de empreendedorismo para o

desenvolvimento dos países. Em países desenvolvidos o efeito é positivo, isto é, quanto maior o número de empreendimentos maior o efeito sobre o desenvolvimento econômico.

Contrariamente, em países em desenvolvimento a tendência é apresentar efeito negativo, ou seja, alta taxa de empreendedorismo não leva ao desenvolvimento econômico. A explicação para isso é apresentada no estudo defendido por Stel *et al* (2005), o qual realiza análise empírica de 36 países, sendo 12 desses países pobres. Como resultado pode-se evidenciar que em países subdesenvolvidos o empreendedorismo focado no pequeno negócio nem sempre trará desenvolvimento econômico, apenas queda na taxa de desemprego. Isto se deve em grande parte por que os novos entrantes no mercado estão estimulados pela necessidade, devido ao fato de existir desemprego em demasia nessa região (BARROS E PEREIRA, 2008).

A explicação para que a queda no nível de desemprego em países pobres pode ser dada usando a teoria defendida por autores como Audretsch, Keilbach e Lehmann apud Barros e Pereira (2008), a qual explica que as taxas negativas da relação empreendedorismo dos trabalhadores por conta própria e a taxa de desemprego, se dá inversamente, isto é, quanto maior o número de empreendimentos menor a taxa de desemprego. Aprofunda-se ainda a análise explicando que pode haver taxa negativa na relação entre empreendedorismo e desemprego devido ao fato de alguns trabalhadores desempregados não possuírem habilidades, motivações ou oportunidades para serem empreendedores.

Nesse sentido é importante diferenciar dois tipos de empreendedorismo citados por Stel *et al* apud Barros e Pereira (2008) que são o empreendedorismo por necessidade e o empreendedorismo por oportunidade. O primeiro é o empreendedorismo gerado pela falta de alternativa de trabalho e renda, enquanto no segundo caso o empreendedor encontrou efetivamente uma oportunidade de negócio. Ressalta-se ainda que o empreendedor por necessidade contribui pouco para o dinamismo da economia local, diferentemente, o negócio gerado via inovação do empreendedor apresenta maiores contribuições para o desenvolvimento de economias.

Posteriormente, Barros e Pereira (2008) apresentam as conclusões extraídas em sua análise referente aos municípios do estado de Minas Gerais, o qual se somou aos trabalhos supracitados no parágrafo anterior, ou seja, que o empreendedorismo nos municípios mineiros traz queda nas taxas de desemprego. E quando relacionada à taxa de empreendedorismo com crescimento econômico, aponta-se para um efeito negativo, isto é, apresenta taxas menores de crescimento econômico em municípios com taxas maiores de empreendedorismo.

Sucintamente, concluem que o baixo impacto do empreendedorismo no desenvolvimento de países em desenvolvimento pode ser explicado pelo maior número de empreendimentos por necessidade e ainda pode ser ocasionada pela falta de políticas públicas orientadas para fomentar esses tipos de iniciativas.

Apesar disso, alguns autores olham o empreendedorismo como estratégia para o desenvolvimento. Gomes (2005) relata a importância do empreendedorismo como instrumento de desenvolvimento econômico, e apresenta propostas para que iniciativas inovadoras sejam postas em prática. Para isso é necessário que seja propagado o ensino de empreendedorismo para todos os níveis educacionais, sensibilização de instituições sociais, políticas econômicas da importância do empreendedorismo, para que sejam implantadas políticas públicas e privadas que estimulem o desenvolvimento do empreendedorismo por oportunidade. Além disso, ressalta a importância de incubadoras e parques tecnológicos para que se possa ser formulado inovações tecnológicas que contribuam para o fortalecimento dos empreendimentos. Há ainda a importância do fortalecimento do empreendedorismo em redes locais, ou seja, estímulos para o desenvolvimento em comunidade, pois o modelo individualizado já pode não servir como modelo empresarial.

3 METODOLOGIA

Nesse capítulo serão apresentados os métodos e procedimentos que auxiliarão o alcance dos objetivos de pesquisa. Esse item versará na definição dos tipos de dados e informações que conjuntamente com o referencial teórico serão úteis para responder ao problema de pesquisa. Para isso foi descrito o delineamento da pesquisa, procedimento de coleta de dados e o processo de análise de dados.

Cabe destacar o conceito de monografia como sendo um estudo sobre um assunto específico e com valor representativo e com rigorosa metodologia. Estudo que investiga certo tema não apenas em profundidade, abordando vários ângulos e aspectos, dependendo do objetivo buscado (MARCONI e LAKATOS, 2003).

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa nada mais é que o planejamento da pesquisa de forma mais ampla, envolvendo todas as etapas, desde a diagramação até a previsão da análise e interpretação de dados. Nessa etapa é considerado o ambiente em que os dados serão coletados e as formas de controle das variáveis estudadas (GIL, 2002).

3.1.1 Quanto aos objetivos

Segundo Gil (2010) as pesquisas podem ser classificadas em exploratórias, descritivas e explicativas. O autor aponta que os estudos sociais procuram identificar a existência de relação entre variáveis, que é o caso de pesquisas descritivas, cujo propósito é verificar hipóteses, ou seja, averiguar a existência de relação entre a variável independente e a variável dependente.

Em relação aos objetivos a pesquisa visou descrever a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico com o objetivo de contribuir para novos estudos e para as tomadas de decisões dos gestores públicos locais na melhoria de políticas públicas e privadas.

3.1.2 Quanto aos procedimentos

Quanto aos procedimentos, a pesquisa pode ser classificada como pesquisa documental. Esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela busca de informações em documentos

que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação (OLIVEIRA, 2007).

A pesquisa documental tem como vantagem para o pesquisador a possibilidade de utilizar uma grande quantidade de informações com qualidade suficiente, e principalmente por que em determinados trabalhos para a solução do problema de pesquisa só poderá ser realizada via investigação de documentos. Toca mencionar que a coleta de dados feita em registros estatísticos é mais simples que outro procedimento científico, porém, exige que o pesquisador disponha de um plano de pesquisa bem elaborado que indique com clareza a natureza dos dados a serem buscados (GIL, 2010).

Sendo assim, os dados foram coletados em fontes estatísticas, de pesquisas realizadas pelo IBGE e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A partir desses dados coletados foi feita a análise e interpretação das informações com o intuito de selecionar as variáveis necessárias para realizar o estudo pretendido.

3.1.3 Quanto à abordagem

Em relação à abordagem, a pesquisa é quantitativa e qualitativa. A pesquisa que utiliza de métodos estatísticos permitem obter, de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relação entre si (LAKATOS e MARCONI, 2003). Nesse sentido, o intuito do presente trabalho é averiguar as relações de fenômenos entre si, obtendo generalizações sobre sua ocorrência, isto é, verificar se há relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico.

Ressalta-se a importância da análise qualitativa que serviu de embasamento para as conclusões feitas na análise quantitativa dos dados. A análise qualitativa abordou a análise do perfil do trabalhador por conta própria, dessa forma, pode-se conhecer algumas informações, tais como: idade, sexo, instrução, setor econômico, produtividade e entre outros dados. Para a criação desse perfil foi buscados dados sobre o trabalhador por conta própria no Censo Demográfico de 2010 e informações de perfis que ressaltam esses trabalhadores, como por exemplo, a pesquisa intitulada “Trabalhadores por conta própria – Perfil e Destaques”, elaborada pelo IBGE.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para responder o problema de pesquisa é necessário planejar como será feita a pesquisa, onde serão levantados os dados e quais informações serão utilizadas. Em relação à busca de informações ela será feita através de dados secundários que serão coletados em pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Censo demográfico) e Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES.

Para que se possa realizar a verificação da relação existente entre as variáveis foi utilizado o método de regressão linear simples. Essa técnica tem por objetivo medir e avaliar através de um modelo matemático a relação existente entre duas variáveis aleatórias (LAKATOS e MARCONI, 2003). Dessa forma, cabe descrever as definições do modelo de regressão linear simples e as fontes de informação das variáveis. É importante destacar que os dados são referentes aos 399 municípios paranaenses, que são as unidades de observação da pesquisa.

De acordo com Gujarati (2011) “a análise de regressão linear simples é a regressão bivariada, ou com duas variáveis, na qual a variável dependente (regressando) se relaciona a uma única variável explanatória (regressor)”. Dessa forma, o modelo é descrito da seguinte forma:

$$Y_i = \beta_0 + \beta_1 X_i + \varepsilon_i$$

Y_i é o i -ésimo valor da variável resposta;

β_0 e β_1 são os parâmetros (coeficientes de regressão – regressando e regressor);

X_i é o i -ésimo valor da variável preditora (é uma constante conhecida, fixo).

ε_i é o termo do erro aleatório, ou seja, outras influências sobre Y não devidas a X .

Para a análise empírica da relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico no estado do Paraná é necessário apresentar as definições das variáveis e quais são seus objetivos. As variáveis a serem analisadas são a taxa de empreendedorismo, o índice de desenvolvimento humano (IDH), o índice de Gini, a renda per capita e a taxa de desemprego.

Em relação à taxa de empreendedorismo que é a variável independente ou explicativa, foi definido como a medida de empreendedorismo o número de trabalhadores por conta própria. Trabalhador por conta própria como sendo “a pessoa que trabalha explorando o seu

empreendimento, sem empregados, individualmente ou com sócio, com o auxílio ou não de trabalhador remunerado membro da unidade familiar” (IBGE, 2008).

A escolha dessa medida no estudo é justificada pela facilidade de acesso aos dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010). A taxa de empreendedorismo (TE) é a proporção de trabalhadores por conta própria (TCP) na população economicamente ativa (PEA) ($TE = TCP/PEA$), sendo que, ambos os dados foram coletados no Censo Demográfico de 2010.

As demais variáveis supracitadas buscam expressar desenvolvimento econômico de determinado país ou região ou município, e serão utilizadas no modelo matemático como as variáveis dependentes. A primeira variável é a renda per capita, indicador que mede a melhoria das condições econômicas de determinada população. Souza (2003) destaca que o crescimento da renda per capita é fundamental para melhorar indicadores sociais, ressaltando ainda que essa variável correlaciona-se com níveis educacionais e liberdades políticas. Não obstante, além da renda per capita para representar o desenvolvimento econômico devem-se considerar indicadores que reflitam melhorias sociais e econômicas. Esses dados foram buscados nos dados disponibilizados pelo IPARDES.

A partir disso, o presente trabalho utilizou-se também das variáveis IDH e o índice de Gini, pois essas variáveis refletem melhorias sociais como educação, saúde, longevidade e distribuição de renda.

O IDH que foi criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) mede o nível do desenvolvimento de países, regiões e municípios. Esse índice é calculado pela média simples de três componentes: a) longevidade e educação e nível de renda. Varia de 0 a 1, sendo desenvolvimento humano baixo (IDH £ 0,499); desenvolvimento humano médio (0,5 £ 0,799); e desenvolvimento humano alto (IDH £ 0,800) (SOUZA, 2012). Em suma, quanto mais perto de 1 for o índice, mais desenvolvido é a região ou país estudado (SOUZA, 2012). Esse índice foi coletado no IPARDES.

O índice de Gini é utilizado para medir o grau de concentração de renda de uma sociedade. Esse índice varia de 0 a 1. De forma resumida, esse índice busca apresentar o nível de concentração de renda, e quanto mais próximo de zero for o coeficiente mais distribuído será a renda (PINHO e VASCONCELLOS, 2005). Esse índice foi coletado no IPARDES.

A última variável utilizada é a taxa de desemprego. Essa taxa reflete a falta de capacidade do sistema econômico em prover ocupação produtiva para todos os trabalhadores ativos. A taxa de desemprego contabiliza os indivíduos que estão aptos, saudáveis, e buscando emprego, mas que não o encontram. A taxa de desemprego é medida pela relação entre o número total de desempregados e o total da força de trabalho (população economicamente

ativa) (PINHO e VASCONCELLOS, 2005). Os dados da taxa de desemprego foram extraídos do Censo Demográfico de 2010 do IBGE.

3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Após a coleta de dados, as próximas etapas foram a análise e a interpretação. O objetivo da análise é organizar os dados e da interpretação é a busca de respostas para o problema de pesquisa, mediante a ligação entre os dados coletados e conhecimentos obtidos anteriormente. A etapa de análise e interpretação segue os seguintes passos: estabelecimento de categorias, codificação, tabulação, análise interpretativa dos dados, avaliação das generalizações obtidas com os dados, inferência de relações causais e interpretação dos dados (GIL, 2010).

A especificação do modelo foi iniciada pela relação entre desemprego e empreendedorismo. Assume-se que a taxa de desemprego varia inversamente com a taxa de empreendedorismo. De acordo com as conclusões obtidas por Audretsch, Carre, Stel e Thurik apud por Barros e Pereira (2008) as variações nas taxas de empreendedorismo tiveram impacto positivo nas taxas de desemprego, isto é, aumento na atividade empreendedora leva a redução do desemprego. Como hipótese tem-se que o valor de β_1 é negativo e existe uma relação inversa entre empreendedorismo e desemprego, na qual quanto maior a taxa de empreendedorismo menor será o nível de desemprego.

Os demais modelos que visam analisar a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico levaram em consideração que o empreendedorismo apresenta relação inversa com o desenvolvimento econômico de uma região. Essa hipótese é fundamentada no trabalho elaborado por Barros e Pereira (2008), o qual revela que em países desenvolvidos a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico é positiva. Já em casos de países em desenvolvimento, como o caso do Brasil, a maior atividade empreendedora está relacionada a menores taxas de desenvolvimento econômico. A relação negativa entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento pode ter suas causas explicadas por duas razões: a primeira, pelo tipo predominante de atividade desenvolvida, que são as atividades empreendedoras por necessidade; e a segunda causa pode ser a falta de emprego de maior produtividade nas grandes empresas.

Os modelos estimados estão explicitados a seguir:

Empreendedorismo e desemprego

$$(1) TDE = \beta_0 + \beta_1 TE + \varepsilon_i$$

TDE= Taxa de desemprego TE = Taxa de empreendedorismo ε = erro estocástico

Empreendedorismo e renda per capita

$$(2) RPC = \beta_0 + \beta_1 TE + \varepsilon_i$$

RPC= Renda per capita TE = Taxa de empreendedorismo ε = erro estocástico

Empreendedorismo e índice de Gini

$$(3) GINI = \beta_0 + \beta_1 TE + \varepsilon_i$$

GINI= Índice de Gini TE = Taxa de empreendedorismo ε = erro estocástico

Empreendedorismo e IDH

$$(4) IDH = \beta_0 + \beta_1 TE + \varepsilon_i$$

IDH= Índice de Desenvolvimento Humano TE = Taxa de empreendedorismo

ε = erro estocástico

Para estimar as regressões *cross-section* ou dados de corte transversal dos modelos estabelecidos foi utilizado o software R. A partir do software foi realizada a regressão e posteriormente a análise quantitativa. Ainda foi elaborado o perfil do trabalhador por conta própria que serviu de fundamento para a análise qualitativa do estudo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente para ter melhor embasamento para a análise do estudo buscou-se criar o perfil do trabalhador por conta própria paranaense. Com isso, pode-se melhor explicar os resultados obtidos nas regressões dos modelos que foram elaborados para a criação no estudo.

4.1 PERFIL DO TRABALHADOR POR CONTA PRÓPRIA PARANAENSE

Nesse capítulo será apresentado o perfil do trabalhador por conta própria paranaense no intuito de traçar as características principais. Isso servirá de base para a análise quantitativa, dando embasamento para afirmações acerca da realidade desse ator econômico na economia paranaense.

Inicialmente vale caracterizar os principais trabalhadores brasileiros, de forma que se possa diferenciar o trabalhador por conta própria ou autônomo dos demais. Nesse sentido, será feita a caracterização do trabalhador por conta própria, dos empregadores e dos empregados.

Sumariamente, o empregador é a pessoa que trabalha explorando seu empreendimento, tendo pelo menos um empregado e contando, ou não, com o auxílio de trabalhador remunerado de membro da unidade familiar. Diferentemente do empregador, o trabalhador por conta própria explora seu empreendimento, sozinho ou com sócio, sem ter empregado e contando, ou não, com ajuda de trabalhador remunerado de membro da unidade familiar em que reside (IBGE, 2008).

Há ainda o empregado, trabalhador formalizado, que trabalha para um empregador – pessoa física ou jurídica – geralmente sendo celebrado contrato de trabalho indeterminado, no qual o obriga ao um cumprimento de jornada de trabalho, recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, mercadorias, roupas e entre outros (IBGE, 2008). Podem ser citados nessa categoria de trabalhador: a pessoa que presta serviço militar, o clérigo, e também o aprendiz ou estagiário, que recebe somente aprendizado ou treinamento pelo pagamento.

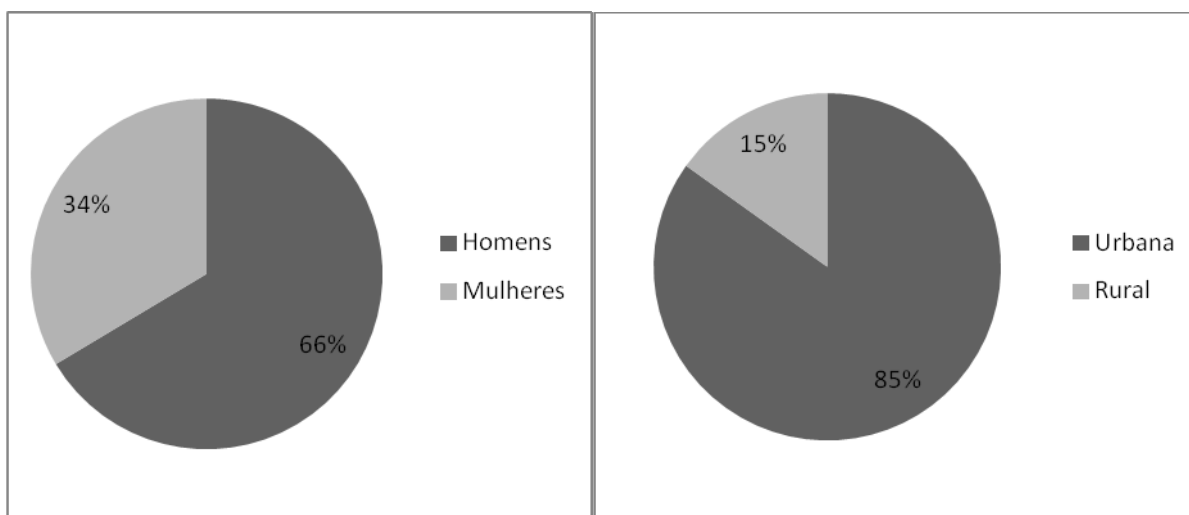
Destaca-se ainda que o trabalhador por conta própria pode ser caracterizado pela pessoa que é dona do seu tempo e da atividade profissional, isto é, não se subordina a outrem, gozando de liberdade e autonomia quanto à forma de prestação de serviço ou comercialização de produto. Ao contrário deste, o trabalhador que atua sob a forma de regulamento de

assalariado deve obediência à autoridade e a hierarquia da organização empresarial no qual presta serviço (HOLZMANN, 2013).

Há duas visões sobre o trabalhador por conta própria, a primeira remete esse trabalhador ao ideal libertário que o considera um empreendedor, expressão máxima da iniciativa e do dinamismo individual capaz de levar a economia ao crescimento. Por outro lado, existe a visão do trabalhador por conta própria como um agente autônomo, que está à margem da formalização e sem os principais direitos sociais pressupostos na constituição federal de 1988. Sendo assim, inclui-o na lista de categorias vulneráveis à precarização no contexto atual, em virtude da exclusão do acesso as proteções constitucionais previstas (HOLZMANN, 2013).

De acordo com o Censo Demográfico o trabalhador por conta própria paranaense representava em 2010, 1,46% do total de ocupados brasileiros. Quando analisado esse trabalhador no estado do Paraná no mesmo período em relação ao total de ocupados, esse representa 23,41%. Destaca-se que o trabalhador por conta própria paranaense é em maioria do sexo masculino, compreendendo 66% dos trabalhadores desse segmento. Sobressai-se ainda que a maior parte dos trabalhadores é oriundo da área urbana, representando 85% do total, conforme o gráfico 01.

Gráfico 01 – Sexo e Domicílio do Trabalhador por Conta Própria – Paraná, 2010.



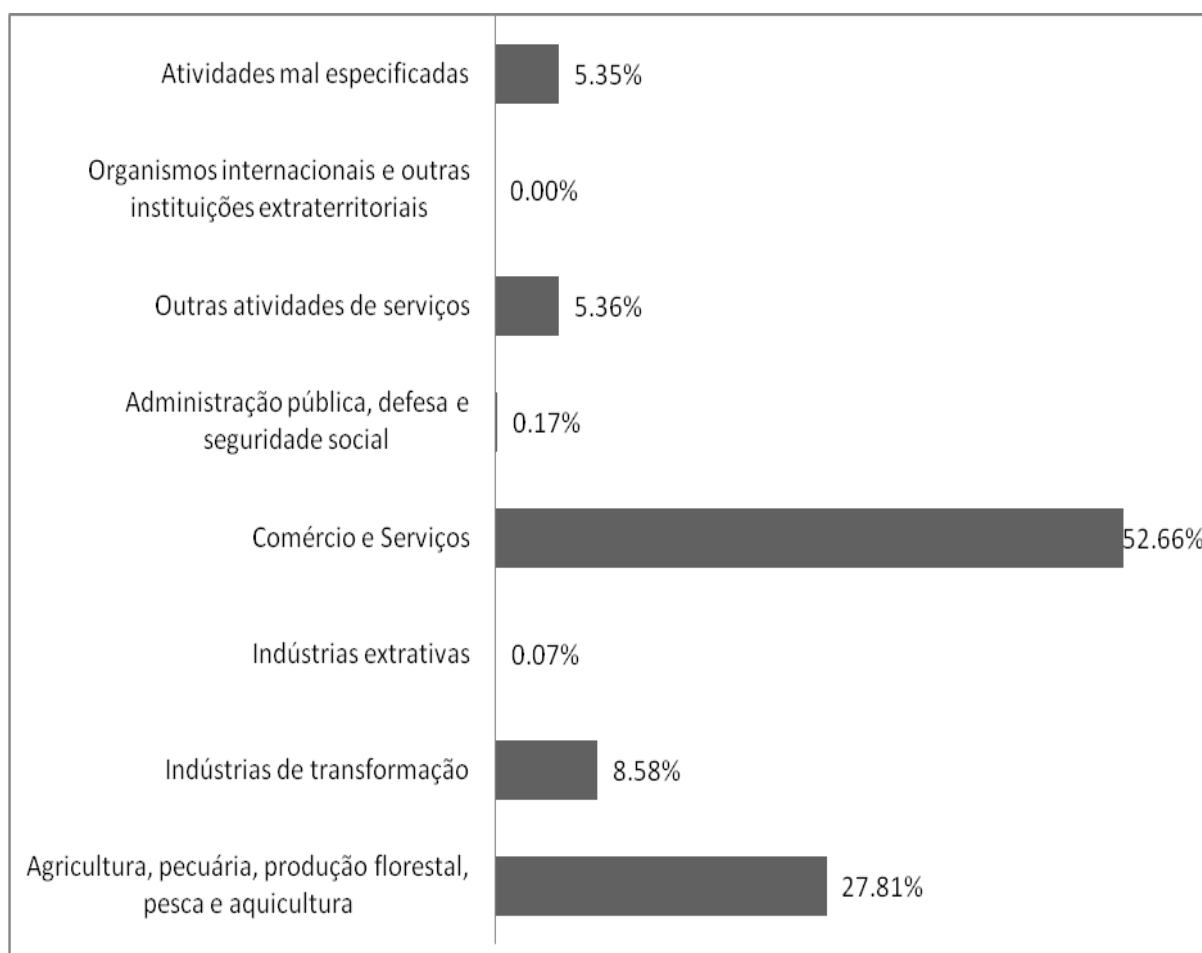
Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico, 2010.

Embora apesar de 85% residirem da área urbana quando analisado os principais setores nota-se que a atividade rural é relevante na composição do trabalhador por conta própria, agregando o setor agrícola, a pecuária, a produção florestal, a pesca e a aquicultura,

perpassando 27,81% dos trabalhadores por conta própria paranaense, conforme pode ser observado no gráfico 02.

Destacam-se outras atividades desenvolvidas pelos trabalhadores por conta própria paranaenses que são essencialmente relacionadas com *atividades de baixo uso de tecnologia e de pouca dinamicidade*, quando se pensado a nível de encadeamentos entre os setores econômicos. Dentre os principais setores estão à construção civil, comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas; atividades profissionais, científicas e técnicas; atividades administrativas e serviços complementares, somando aproximadamente 53%.

Gráfico 02 – Setores Econômico Paranaense, 2010.



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico - 2010.

Observando os dados do gráfico 02 nota-se a grande heterogeneidade desse setor de atividade, incluindo ainda nesse ramo atividades intermitentes, isto é, aquelas atividades que são desenvolvidas com interrupções. Ressalta-se que no Brasil e no estado do Paraná essa intermitência de atividade ocorre, mas com grau menor que em países desenvolvidos, sendo

explicada em grande parte pela alta frequência de trabalhadores autônomos na atividade econômica por longo período de tempo (MENEZES E PALMEIRA, 2008).

Em geral, o trabalhador por conta própria está vinculado quanto a atividades de pouca qualificação e mobilidade profissional, tanto a atividades em setores mais modernos que necessitam de alta qualificação, que são bem remuneradas e com perspectivas futuras de promoção na carreira. Ambos os setores citados anteriormente, quanto o mais precário tanto o mais moderno compreendem atividades de comércio e serviços, podem ser citados como exemplo de trabalho com baixa remuneração e qualificação as atividades de costureira e sapateiros. Por outro lado, no setor mais moderno cita-se atividades de consultoria, advocacia, científicas e entre outras.

Tabela 01 – Distribuição percentual da população de 10 anos ou mais ocupada, total e trabalhadores por conta própria, segundo rendimento nominal mensal – Paraná, 2010.

RENDIMENTO (salários mínimos)	Ocupados		Conta própria	
	Total	%	Total	%
Até 1/4	91398	1,7%	42793	3,6%
Mais de 1/4 a 1/2	209531	3,9%	83446	7,1%
Mais de 1/2 a 1	1039890	19,6%	290136	24,6%
Mais de 1 a 2	2063496	38,9%	344067	29,1%
Mais de 2 a 3	674842	12,7%	153110	13,0%
Mais de 3 a 5	493433	9,3%	130530	11,0%
Mais de 5 a 10	341873	6,4%	100967	8,5%
Mais de 10 a 15	52994	1,0%	13515	1,1%
Mais de 15 a 20	44827	0,8%	13050	1,1%
Mais de 20 a 30	20271	0,4%	5656	0,5%
Mais de 30	13829	0,3%	4134	0,3%
Sem rendimento	261440	4,9%	-	
Total	5307823	100,0%	1181404	100,0%

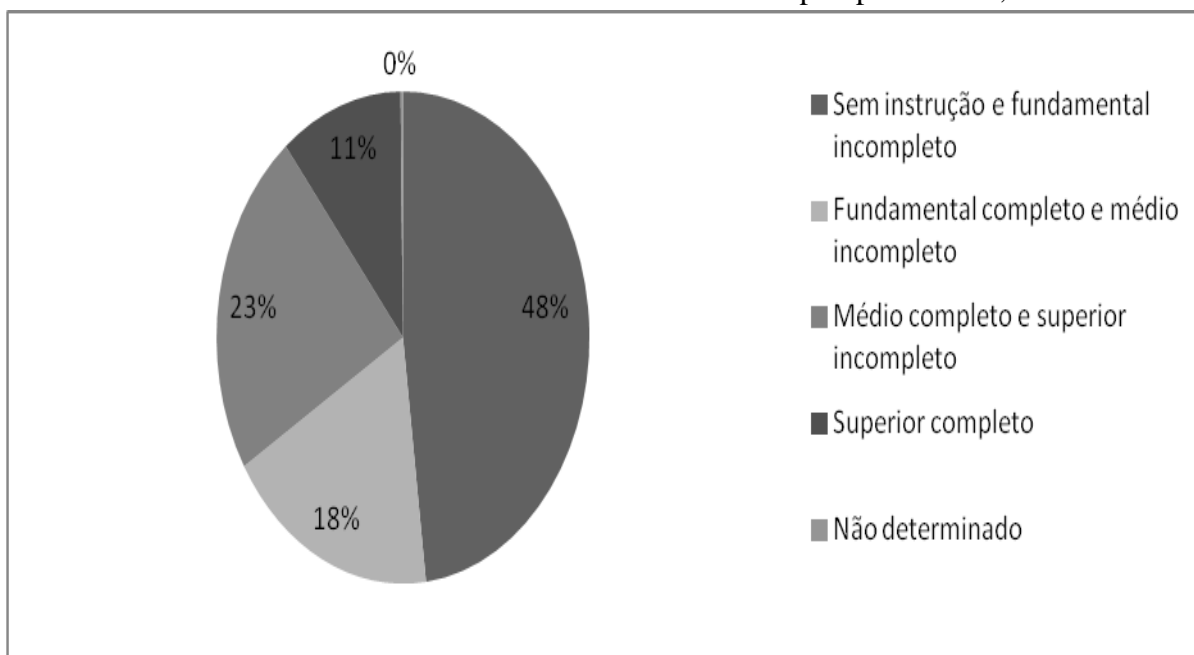
Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

Na tabela 01 visualiza-se a comparação entre o total de ocupados e os trabalhadores por conta própria em relação ao rendimento nominal mensal, na qual sobressai a baixa remuneração dos trabalhadores por conta própria paranaense. Esse baixo rendimento pode ser associado pelo tipo de trabalho executado pelo autônomo, resultante em parte da tendência à baixa qualificação (que pode ser vista no gráfico 03) e a inconstância de demanda pelos serviços prestados, porém não se pode generalizar a eventualidade das atividades. Examinando os rendimentos dessa categoria de trabalhadores e comparando com o total de ocupados aqueles apresentam pequena vantagem de remuneração, como pode ser constatada

para o ano de 2010. Do total do trabalhador por conta própria, 64,4% auferiram rendimentos de até dois salários mínimos e 11,5% recebiam cinco salários mínimos ou mais, enquanto entre o total de ocupados as respectivas proporções ficaram em 64,1% e 8,9%.

Em relação à escolaridade, o gráfico 03 apresenta a quantidade de trabalhador por conta própria nos diferentes níveis de instrução, sendo interessante mencionar que 48% desses estão na categoria que não possui instrução ou apenas fundamental incompleto, 18% possuem fundamental completo e médio incompleto, 23% abrangem pessoas com ensino médio ou superior incompleto e 11% do trabalhador conta própria com ensino superior completo. Está claro que a grande maioria dessa categoria de trabalhador não possui boa qualificação, somando 66% os trabalhadores que não concluíram ao menos o ensino médio.

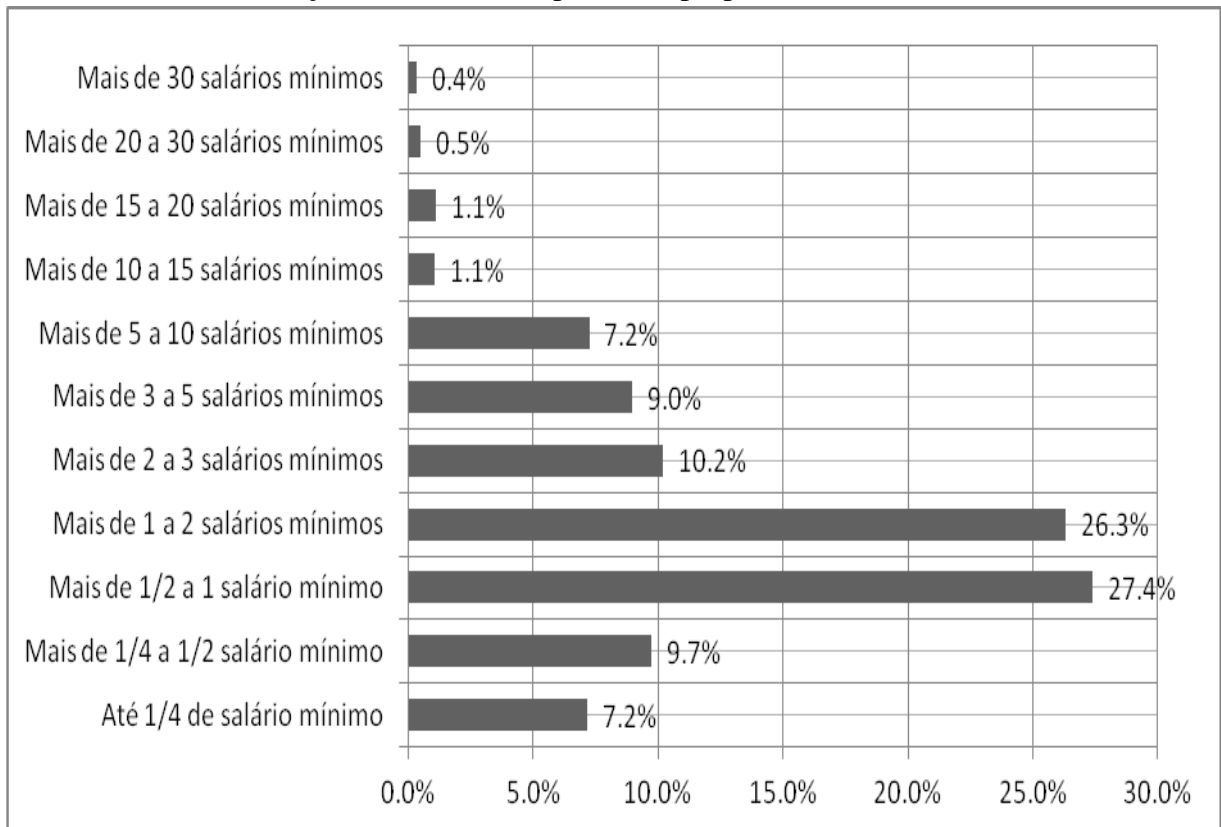
Gráfico 03 – Nível de Escolaridade do Trabalhador Conta Própria paranaense, 2010.



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

Ressalta-se a importância de apresentar a composição dos trabalhadores por conta própria em relação à remuneração, sendo assim o gráfico 04 expõe a quantidade de autônomos nos diferentes níveis de remuneração. Frisa-se que a grande maioria desse trabalhador tem remuneração baixa, tanto que quando soma-se a remuneração entre $\frac{1}{4}$ de salários mínimos à 2 salários mínimos chegamos ao total de 70,6% dos trabalhadores por conta própria paranaense.

Gráfico 04 – Remuneração do trabalhador por conta própria – Paraná, 2010.



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico - 2010.

A tabela 02 constata que em 2010, 66% dos trabalhadores por conta própria não contribuem para a previdência social. Em relação à faixa de rendimento mais baixos (até 2 salários mínimos) 71,5 % dos trabalhadores por conta própria não contribuem para a previdência. A relação é inversa quando analisado a faixa acima de 10 salários mínimos, na qual se encontram apenas 1,6% dos trabalhadores por conta própria que não contribuem para a previdência e 3,1% do total dos trabalhadores por conta própria.

Tabela 02 – Número total de trabalhadores por conta própria e de trabalhadores por conta própria não contribuintes da previdência social, segundo rendimentos – Paraná, 2010.

Rendimentos (salário mínimo)	Trabalhadores por conta própria		Trabalhador conta própria não contribuinte		
	Total	%	Total	%	Trabalhadores por conta própria não contribuintes / total de trabalhadores por conta própria (%)
Até ¼	42793	3,6	34379	4,4	80%
Mais de 1/4 a 1/2	83446	7,1	64122	8,3	77%
Mais de 1/2 a 1	290136	24,6	214347	27,6	74%
Mais de 1 a 2	344067	29,1	242464	31,2	70%
Mais de 2 a 3	153110	13,0	94949	12,2	62%
Mais de 3 a 5	130530	11,0	68744	8,9	53%
Mais de 5 a 10	100967	8,5	44563	5,7	44%
Mais de 10 a 15	13515	1,1	4885	0,6	36%
Mais de 15 a 20	13050	1,1	4500	0,6	34%
Mais de 20 a 30	5656	0,5	1613	0,2	29%
Mais de 30	4134	0,3	1473	0,2	36%
Total	1181404	100,0	776039	100,0	66%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

Relacionando a contribuição para a previdência e a remuneração, pode-se concluir que muitos dos trabalhadores por conta própria de baixa remuneração optam por não contribuir. Essa decisão decorre em grande parte porque o trabalhador prefere aumentar sua renda presente em detrimento da renda futura, isso acontece especialmente quando a renda é pequena, mesmo que no longo prazo a aposentadoria seja comprometida.

Essa afirmação pode ser comprovada quando analisada a proporção de trabalhadores por conta própria não contribuinte em relação ao total dos trabalhadores desse setor na tabela 02. Quanto menor o rendimento, maior é a proporção de não contribuintes, destaca-se que 58,8% estão entre a faixa de renda de meio salário mínimo a dois salários mínimos. Ressalta-se que a pequena diferença em pontos percentuais, entre o trabalhador conta própria e o total de ocupados com melhores rendimentos aponta o padrão de rendimentos do mercado de trabalho brasileiro.

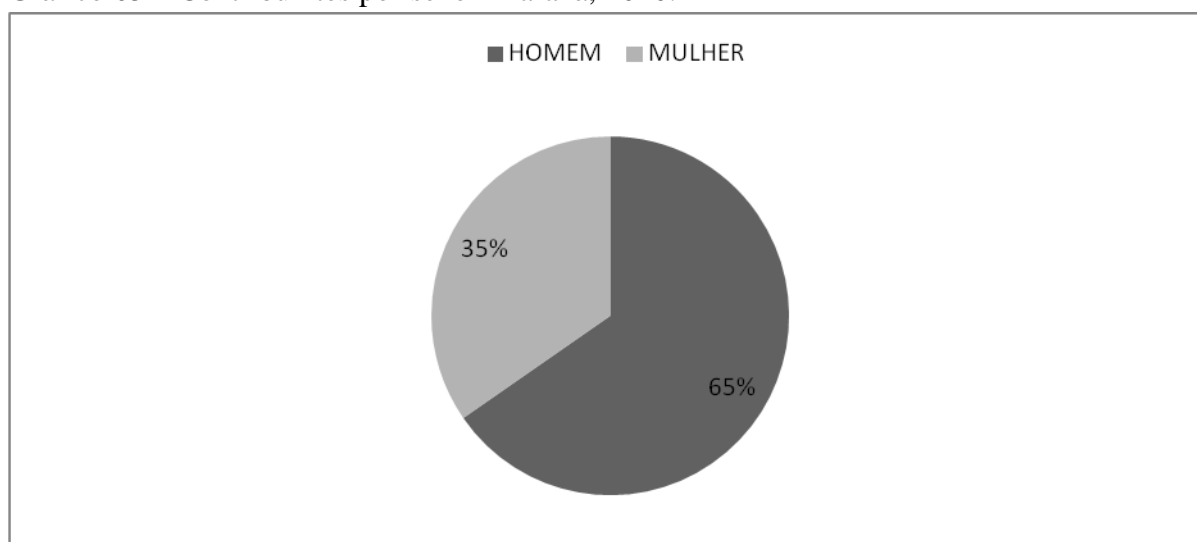
Fica evidente a associação entre a não contribuição para a previdência e os baixos rendimentos, porém não se pode definir qual é a causa. Supõe-se que estes fatores são elementos de um círculo vicioso que reproduz a precariedade desse tipo de atividade econômica, no qual esses atores econômicos se mantêm a margem das proteções trabalhistas.

Pode-se inferir que o baixo rendimento atrapalha o pagamento das contribuições e dos requisitos para a formalização da atividade frente à legislação brasileira.

Vale considerar que a não contribuição deixa os trabalhadores por conta própria sem defesas quanto a problemas como a inatividade inesperada ou permanente devido a acidentes, doenças, velhice, maternidade, e entre outras situações previstas na legislação trabalhista, o que leva a caracteriza-lo dentro das condições precárias de inserção no mercado de trabalho e qualidade de vida.

O gráfico 05 apresenta a distribuição da população autônoma no estado do Paraná, em relação ao sexo, sendo que do total dos trabalhadores conta própria, 65,33% são homens, totalizando em valores absolutos 3.124.129 de autônomos homens. Em relação às mulheres, representam 34,67% dos autônomos e totalizam 1.657.857 de trabalhadoras.

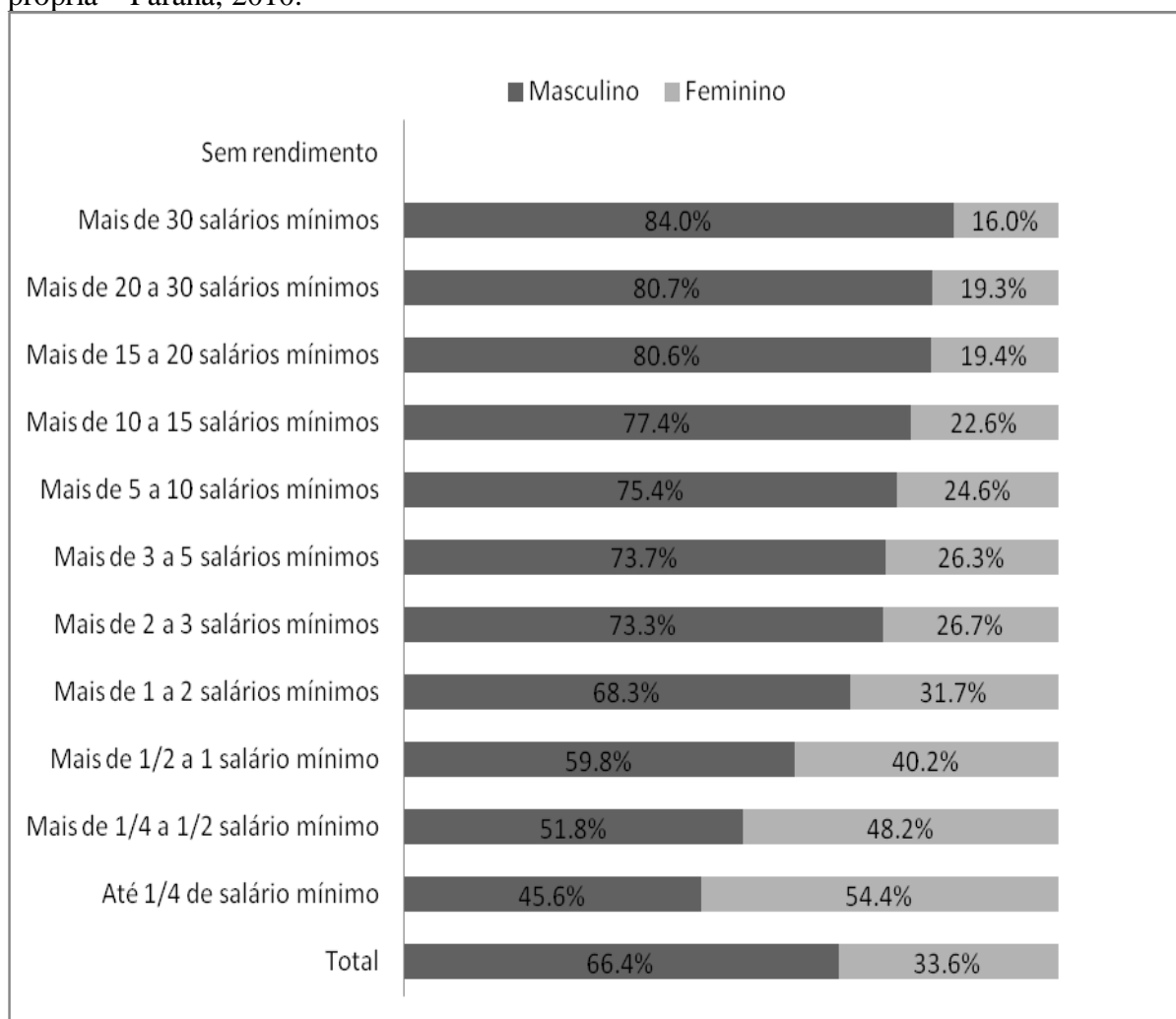
Gráfico 05 – Contribuintes por sexo – Paraná, 2010.



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

No gráfico 06 pode-se observar que quanto maior é a remuneração mensal dos trabalhadores por conta própria maior é a discrepância de remuneração, isso fica evidente quando analisado a progressão da diferença entre as remunerações, chegando ao ápice de 84% dos trabalhadores autônomos que recebem salários acima de 35 salários mínimos serem homens. Ressalta-se que a partir de cinco salários mínimos 75% dos trabalhadores que auferem esse valor são do sexo masculino. Nos salários mais baixos a percentagem é menor, mas ainda relativamente importante, 68,3% dos homens recebem entre um e dois salários mínimos mensalmente.

Gráfico 06 – Diferença de remuneração entre homens e mulheres trabalhadores por conta própria – Paraná, 2010.

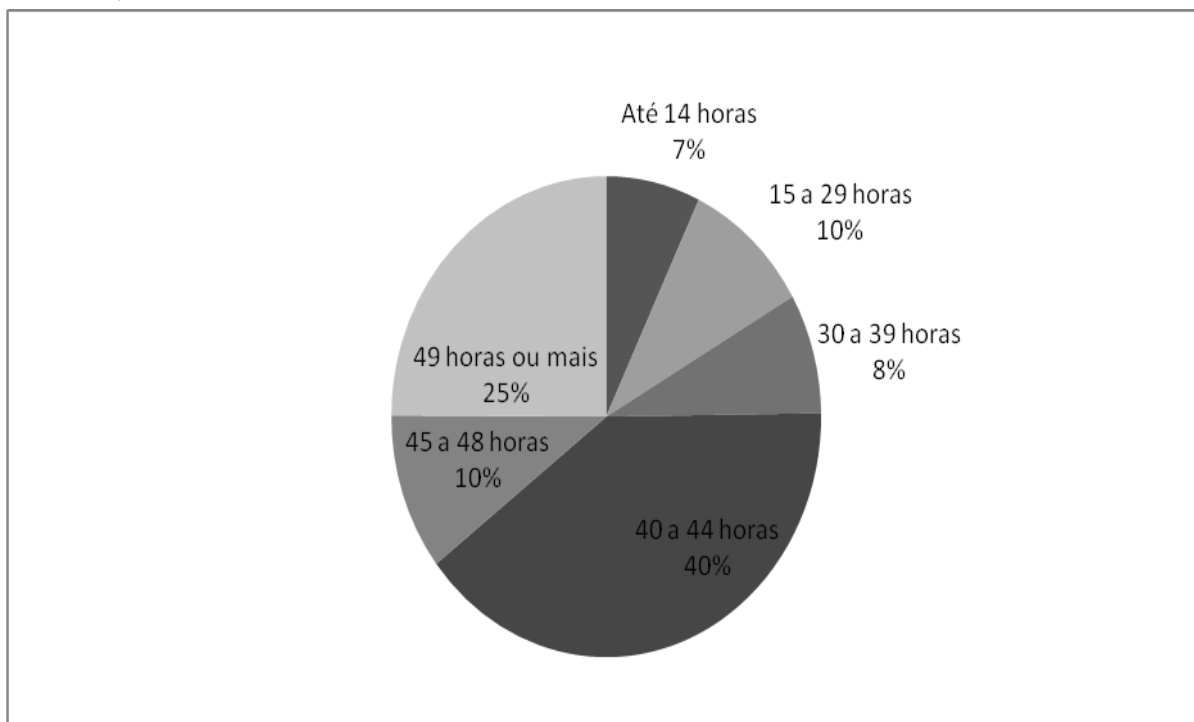


Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

Outro ponto relevante para se analisar sobre o trabalhador por conta própria refere-se às horas trabalhadas na semana. Observando o gráfico 07 é possível apreender se realmente esse trabalhador se diferencia do empregado assalariado, possuindo autonomia de horários na prestação de seu serviço. Sendo assim, o gráfico 06 comprova que 40% laboram entre 40 e 44 horas semanais.

É importante também apontar que 25% do trabalhador autônomo paranaense trabalha 49 horas ou mais na semana, podendo inferir que esse trabalhador possui jornada de trabalho acima dos empregados formalizados. Vale lembrar que 75% dos trabalhadores autônomos possuem carga horária semanal acima 40 horas.

Gráfico 07 – Horas habitualmente trabalhadas por semana pelo trabalhador por conta própria – Paraná, 2010.

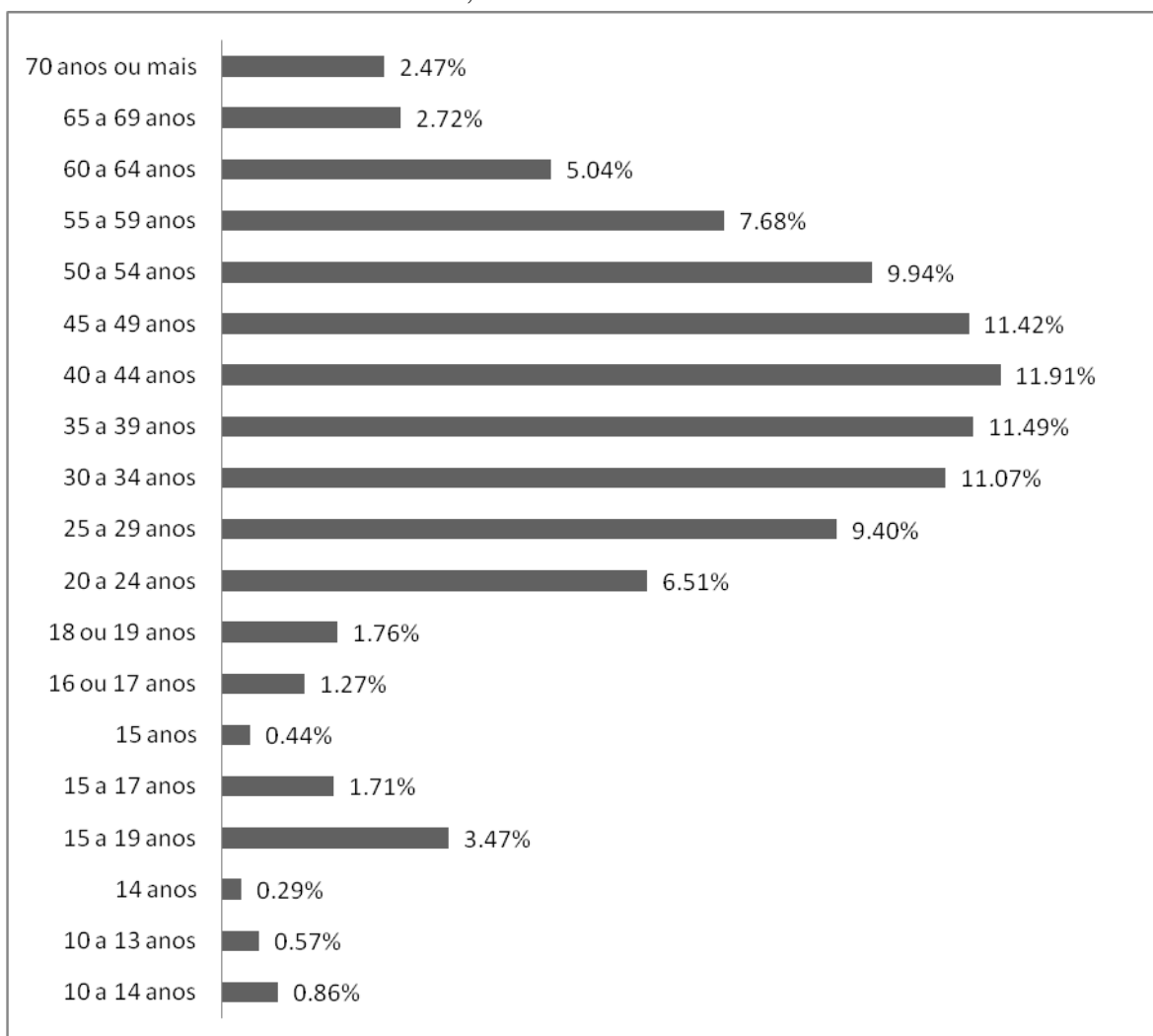


Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico - 2010.

Em relação à idade dos trabalhadores por conta própria, o gráfico 08 destaca que a grande maioria está concentrada entre 30 anos e 54 anos, somando 65,23% desses trabalhadores. Pode-se deduzir que essas pessoas não somente possuem mais idade, como também provavelmente apresentam experiências anteriores de trabalho, em geral assalariadas. Isso não significa dizer que esse grande número de trabalhadores nas faixas de idades mais elevadas esteja associado às restrições das empresas aos trabalhadores mais velhos.

Entretanto, se relacionar a idade com o nível de escolaridade a grande maioria dos trabalhadores autônomos paranaenses não ultrapassam o ensino fundamental ou médio completo e possuem idade superior a 30 anos, isso leva a conclusão que isso pode prejudicar a busca pelo reingresso no mercado de trabalho para esses indivíduos. A baixa participação dos jovens como trabalhador por conta própria pode estar relacionada com o aumento das vagas nos cursos superiores e também pela falta de experiência em atividades produtivas, aliado a isso, conta-se ainda com a falta de disciplinas no ensino médio e superior que tratem do empreendedorismo como forma de inserção na economia.

Gráfico 08 – Idade do TCP – Paraná, 2010.

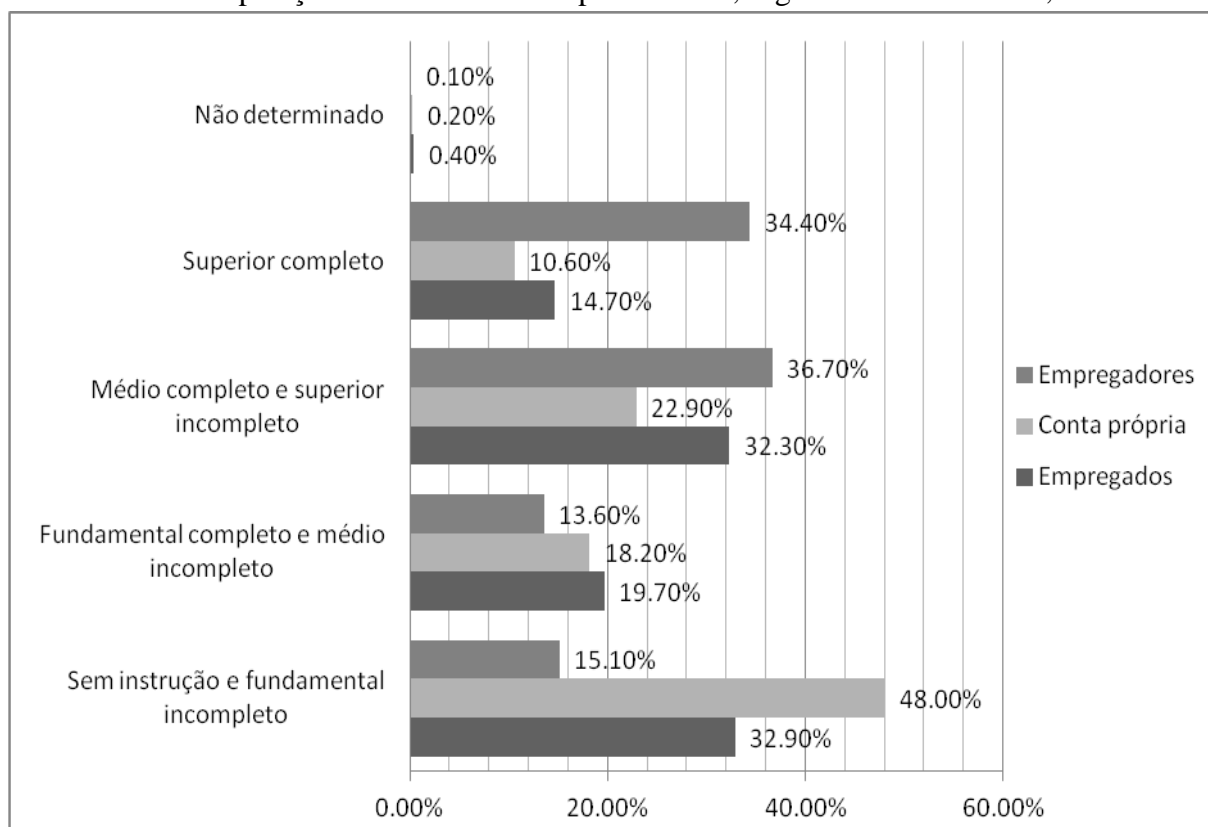


Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

Outro aspecto relevante é à composição de cada categoria de trabalhador em relação à escolaridade, começando desde os menos qualificados chegando ao nível superior. Dessa forma, como mencionado anteriormente identifica-se a participação do trabalhador conta própria na composição de cada categoria.

O gráfico 09 exibe a percentagem de trabalhadores em relação ao grau de instrução nos diferentes níveis de ensino, podendo inferir-se que quanto maior for o nível de escolaridade menor será a participação do trabalhador por conta própria na composição dos trabalhadores paranaenses. Isso pode ser comprovado observando o gráfico, no qual exibe que o trabalhador conta própria representa 48% do total dos trabalhadores sem instrução e fundamental incompleto, 22,90% do pessoal com médio completo e superior incompleto e 10,60% do total de trabalhadores com alguma graduação.

Gráfico 09 – Composição dos trabalhadores paranaenses, segundo a escolaridade, 2010.



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Censo Demográfico – 2010.

Dentro do contexto apresentado no perfil do trabalhador por conta própria paranaense pode-se concluir que há precariedade na atuação. Primeiro é importante apresentar a conceituação de precariedade para buscar entender as especificidades que levam a definir a atividade autônoma como precária. Dessa forma, Galeazzi; Holzmann, (2011 p. 258-259) definem precariedade como:

[...] o processo de redução ou supressão de direitos laborais, decorrente da disseminação de formas de inserção no mercado de trabalho em substituição ao trabalho assalariado e às proteções a ele associadas. [...]. A definição de trabalho precário contempla pelo menos duas dimensões: a ausência ou redução de direitos e garantias do trabalho e a qualidade no exercício da atividade. Na primeira, considera-se o retrocesso em relação a conquistas não constitucionais, mas acordadas no bojo das negociações coletivas, bem como a ampliação de formas de inserção ocupacional que não estendam, ao trabalhador, parte ou o todo dos direitos constitucionais, decorrentes da flexibilização ou da supressão dos direitos laborais legais. Na segunda, consideram-se a relação entre ganhos e quantidade de trabalho e, complementarmente, aspectos de qualidade ligados diretamente ao exercício da atividade (GALEAZZI; HOLZMANN, 2011, p.258-259).

A partir da definição de trabalho precário, que possui como características principais redução ou cerceamento dos direitos trabalhistas e perda da qualidade no exercício da atividade, infere-se que o trabalhador por conta própria possui vários indícios que levam a

crer que há precariedade nas atividades que os mesmos realizam, pois 64% dos trabalhadores por conta própria do estado do Paraná auferem até dois salários mínimos; atuam mais de 40 horas semanais, perpassando 75% se agregar as categorias que mais laboram na semana; 66% não contribuem para a previdência social. Alia-se a isso a baixa escolaridade do trabalhador conta própria, sendo que 66% possuem baixa qualificação, tanto que não concluíram ao menos o ensino médio.

Nesse sentido, a precariedade está relacionada à jornada de trabalho em geral excessiva, a remuneração e qualificação baixa e a não contribuição para a previdência pela maioria dos trabalhadores autônomos.

4.2 ANÁLISE DAS REGRESSÕES E DISCUSSÃO

Para atender um dos objetivos deste trabalho, foram calculadas as regressões para verificar como a taxa de empreendedorismo se relaciona com os índices que expressam desenvolvimento econômico (taxa de desemprego, Índice de Gini, Índice de desenvolvimento humano – IDH e a Renda Per Capita), com base nos dados de todos os 399 municípios paranaenses. Incumbe destacar que os coeficientes estimados denotam a contribuição relativa das variáveis independentes na variável dependente, isto é, qual a influência de cada variável na explicação do fenômeno estudado.

A relação entre cada variável com o erro padrão permite-nos calcular a estatística t, o qual visa identificar o nível de significância estatística, desse modo deve-se aceitar como variáveis relevantes para explicar o fenômeno aquelas cujos coeficientes são estatisticamente significativos. Neste trabalho, admitem-se valores de significância igual ou inferiores a 0,05 ou 5%. Os indicadores que não forem significativos são interpretados como variáveis que não possuem relevância isoladamente, mas quando se leva em conta outros critérios explicativos para o fenômeno, pode-se tornar relevante.

Ao ajustar o modelo de regressão é importante verificar algumas características e hipóteses implícitas. Primeiramente, deve-se observar a capacidade do modelo prever a variável dependente, esse valor é medido pelo R^2 e pelo R^2 ajustado, com valores que perpassam entre zero e um. Sendo assim, para a análise nesse estudo e levando em consideração que a regressão é baseada em dados *cross-section* – corte transversal (dados referentes a um período de tempo) – o R^2 ajustado admitido que quanto mais próximo de 1 maior a capacidade de explicação do fenômeno pelas variáveis independentes.

A partir disso serão apresentados os resultados dos modelos das equações que relacionou empreendedorismo e as variáveis que expressam desenvolvimento econômico. Compete lembrar a premissa aceita por estudos empíricos supracitados nesse estudo (ver STEL *et al* (2005); BARROS E PEREIRA, (2008)). Os quais relatam que a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico em países subdesenvolvidos remete a apenas a diminuição das taxas de desemprego. Se tratando de índices de melhoria de renda e qualidade de vida esses não apresentam melhorias significativas quando há altas taxas de empreendedorismo.

Nesse sentido será apresentada a análise dos modelos de regressão descritos na metodologia, os quais visam apresentar a relação existente entre empreendedorismo e o desenvolvimento econômico nos municípios paranaenses.

Primeiramente será exposto o resultado da relação entre empreendedorismo e a taxa de desemprego. Como resultado da regressão tem-se que há um efeito negativo e moderadamente significativo da atividade empreendedora, isto é, em municípios onde há maior proporção de trabalhadores por conta própria o desemprego é menor.

Com base nos dados obteve-se a linha de regressão estimada: **TDE = 0,0694 – 0,0985.(TE)**. Os coeficientes de regressão e os valores de significância do modelo estão dispostos na tabela 03.

Tabela 03 – Resultados do modelo de regressão – Taxa empreendedorismo e Taxa de Desemprego

Variáveis	Coefficiente	t	Sig.(p-valor)
Constante	0,069448	28,96	2e-16
Taxa de Empreendedorismo	-0,098353	-10,44	2e-16
R ²	0,2153	-	-
R ² Ajustado	0,2134	-	-
Teste F	-	-	2.2e-16
Número de observações	399	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor. *Significativo 5%

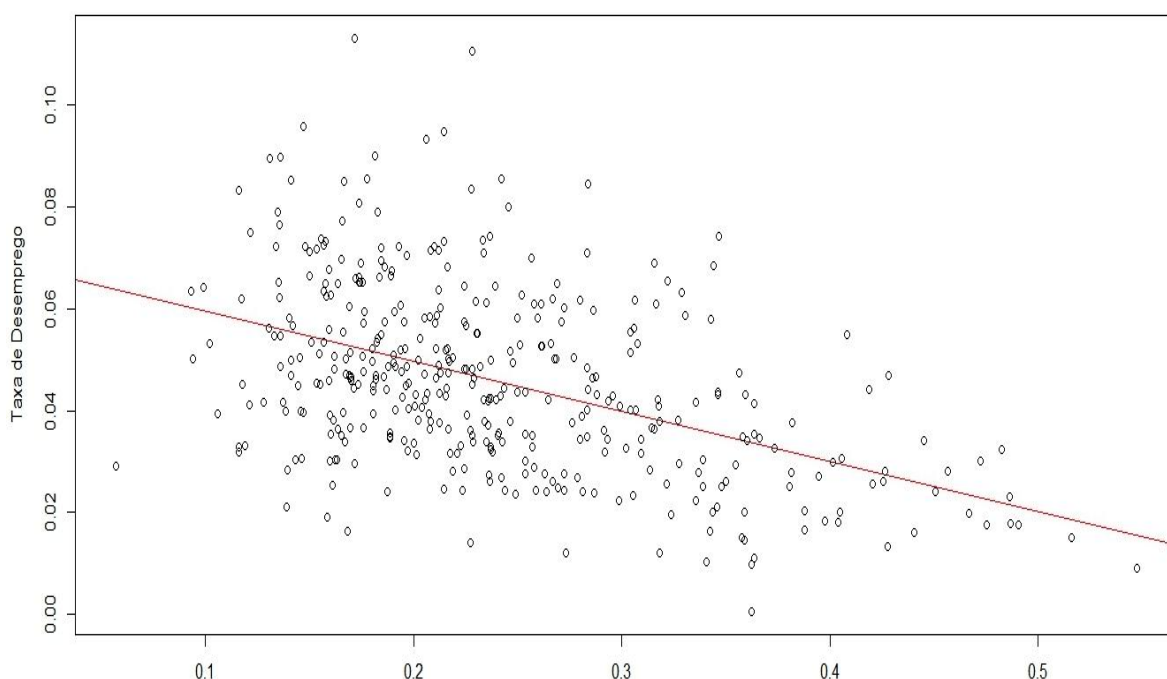
O Teste F de análise de variância mede a significância do modelo como um todo. Esse se mostrou favorável, podendo ser verificado que o F possui significância muito próxima de zero, com valor de 2.2e-16. Dessa forma, pode-se rejeitar a hipótese nula, indicando que a variável independente é significativa para explicar a variável dependente. Em relação aos coeficientes é necessário analisar o teste T, o qual apresenta valores próximos de zero, com

valores de significância dos testes T de $2e-16$, sendo aceitas as variáveis como relevantes para explicar o fenômeno, cujos coeficientes são estatisticamente significativos.

Por se tratar de análise de corte transversal é interessante analisar a significância dos coeficientes estimados (teste t), os quais permitem identificar a relação existente entre as variáveis dependente e independente, entretanto, o coeficiente de determinação, que ilustra a capacidade explicativa do modelo não deixa dúvida; sendo o R^2 ajustado igual a 0,21, indicando que o modelo explica em 21% o efeito da taxa de empreendedorismo sobre a taxa de desemprego nos municípios analisados, porém, apresentando baixo valor explicativo.

No gráfico 10 observa-se a relação negativa entre empreendedorismo e a taxa de desemprego. Isso leva a postular que quanto maior é o nível de empreendedorismo nos municípios paranaenses menor será a taxa de desemprego desses respectivos comunas. O gráfico e o resultado da regressão podem ser explicados devido ao grande número de atividades geradas pelo empreendedorismo não planejado. De tal forma, o empreendedorismo por necessidade que é representado pela maioria dos empreendedores paranaense, que sucintamente possuem baixa escolaridade e rendimento, parcela representativa não contribui para a previdência social e atuam em atividades de baixo dinamismo econômico, como na prestação de serviços rurais e de comércio e serviços de baixo uso de tecnologia.

Gráfico 10 – Taxa empreendedorismo e taxa de Desemprego



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entretanto, quando analisado as demais regressões que analisam o impacto do empreendedorismo sobre indicadores de IDH, GINI e renda per capita esses não apresentam efeitos positivos. Os quais levam ao entendimento que o empreendedorismo é fator pouco determinante do desenvolvimento econômico dos municípios paranaenses, claro que analisando as variáveis isoladamente.

Dessa forma, será apresentado o resultado da regressão que analisa o impacto do empreendedorismo sobre o índice de Gini (indicador de desigualdade de renda). Com base nos dados obteve-se a linha de regressão estimada: **GINI: 0,4251 + 0,1690. TE.**

Os coeficientes de regressão e os valores de significância do modelo estão dispostos na tabela 04. Como anteriormente será feita análise de significância dos Testes T e F. O teste T analisa a relação existente entre as variáveis dependente e independente, sendo que os valores dos testes de significância são próximos de zero. Com isso, rejeita-se a hipótese nula e se aceita que os coeficientes são estatisticamente significativos. Em relação ao teste F esse também apresenta valor significativo e próximo de zero, podendo dessa forma rejeitar a hipótese nula. Embora, quando se faz a análise do coeficiente de determinação, a variável explicativa não oferece um bom poder explicativo, sendo que o R² ajustado explica a relação entre o índice de GINI e o empreendedorismo em 6%.

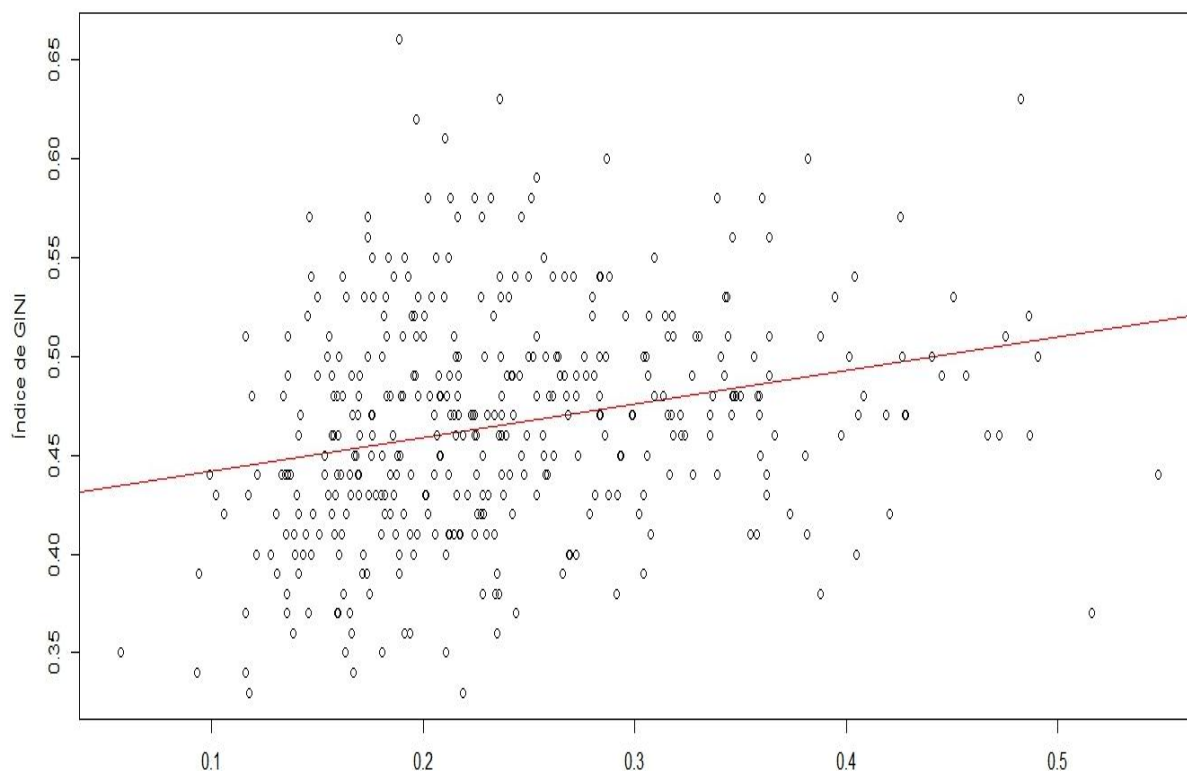
Tabela 04 – Resultados do modelo de regressão – Taxa empreendedorismo e Índice de GINI.

Variáveis	Coefficiente	t	Sig. (p-valor)
Constante	0,4251	51,710	2e-16
Taxa de Empreendedorismo	0,1690	5,232	2,72e-07
R ²	0,0645	-	-
R ² Ajustado	0,0621	-	-
Teste F	-		2,723e-07
Número de observações	399		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para melhor visualização da regressão, pode-se observar o gráfico 11, o qual apresenta a correlação positiva do modelo, que difere da hipótese de ter uma relação inversa entre as variáveis, não obstante, esse efeito demonstra que o empreendedorismo não contribui para melhoria do desenvolvimento econômico dos municípios estudados. Sendo assim, no caso do índice de Gini esse efeito positivo revela aumento da desigualdade de renda nos municípios com maior grau de empreendedorismo, isto é, o aumento do empreendedorismo em 1% leva ao aumento no índice de GINI em 0,1690.

Gráfico 11 – Taxa empreendedorismo e Índice de GINI



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra variável utilizada que expressa desenvolvimento econômico é o Índice de Desenvolvimento Econômico – IDH, o qual é construído resumidamente baseado em valores da renda per capita, expectativa de vida ao nascer e nível educacional. Sendo assim, foi relacionado esse indicador com a taxa de empreendedorismo para verificar qual a relação entre ambas; visando identificar se o empreendedorismo pode levar a melhoria do indicador que expressa melhoria da qualidade de vida da população. Dessa forma, obteve-se como resultado a seguinte equação da regressão dos indicadores analisados: **IDH: 0,7238 - 0,091. TE**

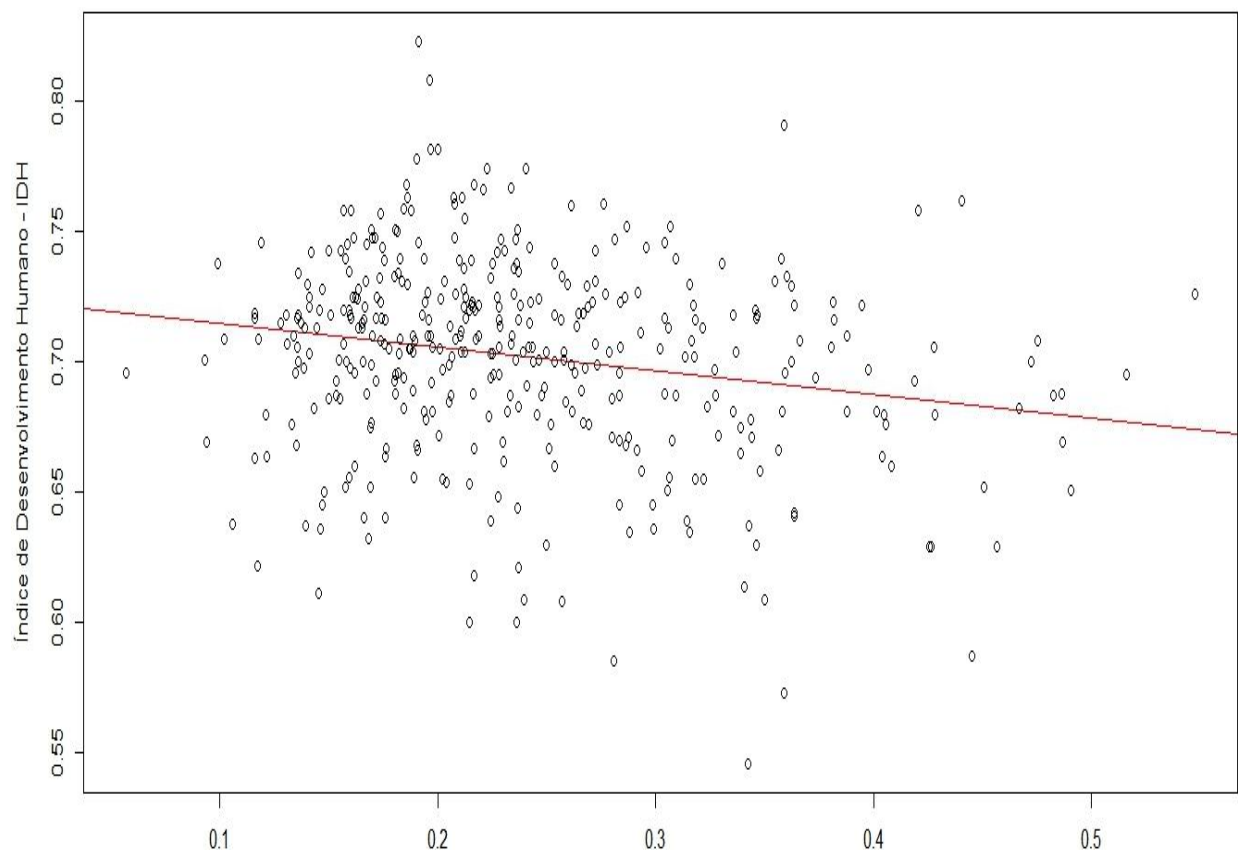
Tabela 05 – Resultados do modelo de regressão – Taxa empreendedorismo e IDH.

Variáveis	Coefficiente	t	Sig. (p-valor)
Constante	0,7238	128,756	2e-16
Taxa de Empreendedorismo	-0,091	-4,129	4,45e-05
R ²	0,041	-	-
R ² Ajustado	0,038	-	-
Teste F	-	-	4,448e-05
Número de observações	399	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os coeficientes de regressão e os valores de significância do modelo estão dispostos na tabela 05. O teste T apresenta valores dos testes de significância próximos de zero. Com isso, rejeita-se a hipótese nula e aceitando que os coeficientes são estatisticamente significativos. O teste F apresenta valor significativo e próximo de zero, podendo dessa forma rejeitar a hipótese nula. Entretanto, em relação ao coeficiente de determinação, a variável explicativa não oferece forte poder explicativo, sendo que o R^2 ajustado explica a relação entre o IDH e o empreendedorismo em 3%.

Gráfico 12 – Taxa de empreendedorismo e IDH



Fonte: Elaborado pelo autor.

No gráfico 12 identifica-se a relação inversa entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico (medido pelo IDH), isto é, taxas altas de empreendedorismo levam a IDH menores.

O último modelo de regressão que visa analisar o desenvolvimento econômico relaciona o PIB per capita com a taxa de empreendedorismo. A variável PIB per capita apresentou relação negativa com o empreendedorismo, indicando que menor renda acarreta maior nível de empreendedorismo, entretanto, quase insignificante. A variável indica que o

aumento em R\$ 1,00 na renda per capita dos municípios da amostra, a taxa de empreendedorismo diminui em R\$ 10.302,00. Nesse sentido, obteve-se como resultado a seguinte equação da regressão dos indicadores analisados: **RPC =17343 - 10312. TE**. Os coeficientes de regressão e os valores de significância do modelo estão dispostos na tabela 06.

Tabela 06 – Resultados do modelo de regressão – Taxa Empreendedorismo e PIB per Capita.

Variáveis	Coefficiente	t	Sig.
Constante	17343	11,792	2e-16
Taxa de Empreendedorismo	-10312	-1,784	0,0751
R ²	0,0079	-	-
R ² Ajustado	0,0054	-	-
Teste F	-	-	0,0751
Número de observações	399	-	-

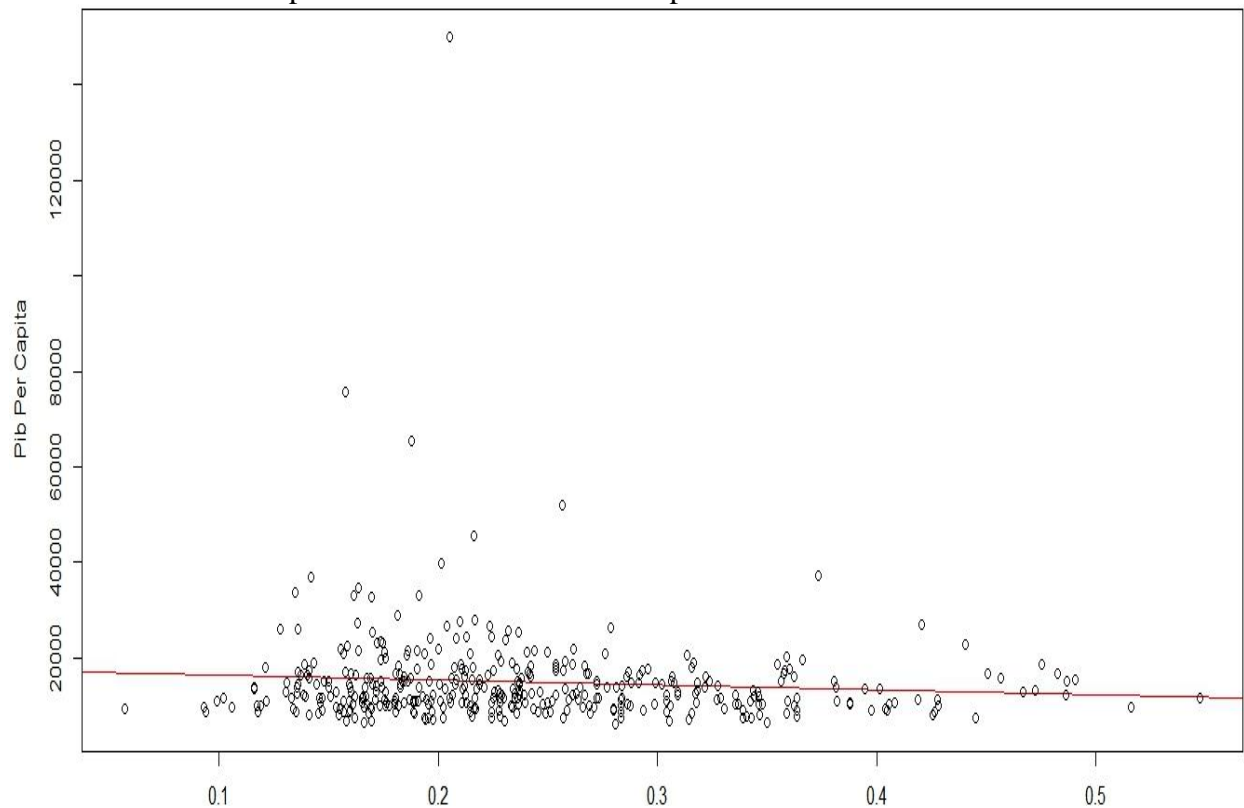
Fonte: Elaborado pelo autor.

Não obstante, quando analisados os coeficientes de regressão, a taxa de empreendedorismo não possui significância no grau de 5%, pois estatisticamente seu valor o excede, apresentando valor significativo maior do que esperado (7%). O teste F que explica o quão as variáveis podem explicar o fenômeno também possui grau maior do que o esperado para rejeitar a hipótese nula, nesse caso, pode-se dizer que o modelo é estatisticamente insignificante, pois seu grau de significância é de 7%.

Além disso, o coeficiente de determinação que explica a capacidade do modelo prever a variável dependente, como resultado obteve-se que a variável explicativa não oferece poder explicativo, sendo que o R² ajustado possui grau de significância de 0,0054 ou 0,54%, ou seja, o valor explicativo do modelo é menor que zero.

Para melhor visualização da regressão, pode-se observar o gráfico 13 que apresenta a relação inversa mínima que se aproxima de zero, nesse sentido, fica evidente que a taxa de empreendedorismo pouco influencia o aumento da renda per capita nos municípios paranaenses no período estudado.

Gráfico 13 – Taxa empreendedorismo e PIB Per Capita



Fonte: Elaborado pelo autor.

Além da análise realizada para conhecer se os modelos descritos anteriormente e os coeficientes são significativos para expressar desenvolvimento econômico a partir do empreendedorismo, foi feita outra análise das variáveis que é a Correlação de Pearson. Esse método objetiva medir a linearidade entre duas variáveis quantitativas, permitindo aferir exclusivamente o grau de correlação e a direção da correlação. Quando a direção é positiva presume-se o crescimento das variáveis conjuntamente, e caso a direção seja negativa a interpretação é que quando uma variável aumenta a outra diminui. Sendo assim, a tabela 07 apresenta os dados do cálculo da correlação de Pearson.

Tabela 07 – Correlação de Pearson (K)

Variáveis	R	P-valor	n
Taxa de Empreendedorismo e Taxa de Desemprego	-0,4640	2,2e-16	397
Taxa de Empreendedorismo e GINI	0,2539	2,723e-07	397
Taxa de Empreendedorismo e IDH	-0,2029	4,448e-05	397
Taxa de Empreendedorismo e PIB per capita	-0,089	0,0751	397

Fonte: Elaborado pelo autor.

As correlações se mostram significativas ao nível de 5%, exceto a relação entre o empreendedorismo e o PIB per capita. A maioria das correlações segue a direção negativa, ou seja, quando uma variável aumenta a outra diminui, com isso pode-se inferir que os cálculos condizem com as hipóteses elencadas na metodologia (relação inversa entre desenvolvimento econômico e empreendedorismo). Inclui-se ainda nesse caso a relação positiva existente entre o empreendedorismo e o índice de Gini, pois como mencionado anteriormente, o aumento de uma variável contribui para o crescimento da outra. No caso do GINI, esse acréscimo apontado na análise leva ao aumento da desigualdade de renda.

Em relação às outras variáveis elencadas como indicadores de desenvolvimento econômico, as mesmas possuem relação inversa com o empreendedorismo, no sentido de que quanto maior as taxas de empreendedorismo menor serão os indicadores que expressão melhoria de qualidade de vida da população.

Sobre a força da relação entre as variáveis conclui-se que as relações que envolvem empreendedorismo com IDH, Gini e Renda per capita são fracas. Por outro lado, quando analisado a relação entre empreendedorismo e a taxa de desemprego o coeficiente de correlação de Pearson apresenta uma relação negativa moderada entre as variáveis. Ressalta-se que a análise do coeficiente de Pearson apenas analisa o grau e força da correlação, não fazendo análise explicativa da relação entre o índice de empreendedorismo e o desenvolvimento econômico.

A partir do exposto no decorrer do trabalho pode-se verificar que o empreendedorismo nos municípios paranaenses é sem dúvida heterogêneo, tanto que o resultado da investigação empírica da atividade empreendedora dos trabalhadores por conta própria confirma os resultados obtidos em outros trabalhos, tais como o de Barros e Pereira (2008). Isto posto, pode-se afirmar que o empreendedorismo contribui para uma menor taxa de desemprego nos municípios estudados, contudo quando analisado os demais indicadores que expressam desenvolvimento econômico, esses representam pouca influencia na melhoria da qualidade de vida da população.

Adverte-se que o tipo de empreendedorismo que prevalece (empreendedorismo por necessidade devido à falta de alternativa de emprego em empresas mais produtivas e pela ausência do empreendedorismo planejado) é menor em municípios que possuem melhores indicadores de qualidade de vida. Sendo assim, cabe ponderar porque o empreendedorismo não contribuiu para o desenvolvimento econômico nos municípios paranaenses, apenas reduz a taxa de desemprego e gera de renda.

Analisando o perfil do trabalhador por conta própria paranaense pode-se evidenciar algumas características que leva a algumas conclusões, principalmente no que tange a precariedade das atividades desenvolvidas por esse trabalhador quando visto no contexto geral, claro que há exceções, como por exemplo, as atividades desenvolvidas na área de consultoria empresarial e em áreas de conhecimento.

Ficou claro que as atividades empreendedoras geradas pelo trabalhador por conta própria não leva a melhoria da qualidade de vida, pois em geral esses empreendimentos não são elaborados a partir da visualização de alternativas planejadas de produção ou de criação de inovações em produtos e serviços, mas sim, pela busca de renda por parte desses trabalhadores.

Nesse sentido, esse trabalhador não pode ser comparado com o empreendedor imaginado por Schumpeter, quando esse enfatiza o papel primordial do empreendedor na mudança de paradigma. Essa transformação está intimamente ligada com inovações na forma de produção ou na criação de necessidades para a população, atividade essa que grosso modo não é realizado pelo trabalhador autônomo paranaense.

Pode-se inferir que grande parte do trabalhador por conta própria é desempregada, e busca oportunidade de renda criando seu próprio negócio, seja ele formalizado ou não. Porém, quando analisado o perfil desses trabalhadores por setor econômico fica latente que os principais empreendimentos são aqueles que não possuem grau de complexibilidade ou uso de tecnologia, além de ser desempenhado por profissionais com baixa qualificação. Isso leva a baixa remuneração e conseqüentemente a não contribuição para a previdência social, fatos esses comprovados no perfil supracitado.

A remuneração baixa desse trabalhador autônomo leva ainda a outras suposições, sobretudo em relação à modificação da concentração de renda e nas melhorias das condições de vida desses trabalhadores. Além da baixa remuneração na qual cerca de 64% dos trabalhadores por conta própria auferem renda até dois salários mínimos, esses trabalhadores possuem carga horária semanal superior ao trabalhador assalariado, sendo que aproximadamente 74% dos autônomos trabalham mais de quarenta horas semanais. A situação piora quando se analisa trabalhadores por conta própria com carga semanal de trabalho superior a 49 horas, os quais representam 25% do total de autônomos do estado paranaense.

Podendo ser um dos principais fatores que levam a precarização desse tipo de trabalhador está a escolaridade, que pode encadear os outros problemas citados. Nesse caso, o

trabalhador autônomo possui pouca qualificação tanto que 48% do total dos trabalhadores sem instrução e fundamental incompleto.

Outra situação que pode ser usada como argumento para esse problema é que quanto maior a escolaridade menor a participação do trabalhador por conta própria no percentual de ocupados no estado do Paraná (ver gráfico 09). Sendo que em geral os trabalhadores menos qualificados estão inseridos em empreendimentos não planejados e possivelmente na mesma área de atuação que atuavam os trabalhadores por conta própria quando empregados.

Há outro fator relevante a se levar em consideração em se tratando da dificuldade em se criar empreendimentos. Como em outras atividades a diferença de remuneração entre homem e mulher é grande, isso fica nítido quando analisado o gráfico 06 que descreve a remuneração por sexo, ao passo que quanto maior é a remuneração menor é a participação da mulher nesses índices.

Diante do exposto é importante frisar a importância de instituições e de ambiente saudável economicamente, que possa propiciar melhores condições para que o empreendedorismo se desenvolva. Nesse sentido é crucial discutir qual o papel do estado, como o mesmo pode contribuir para melhoria das tais condições, como a criação de políticas que fomentem o empreendedorismo planejado.

Um aspecto relevante é como as políticas públicas podem ser orientadas para gerar melhoria nas condições de atuação dos empreendedores, priorizando políticas em várias áreas, tais como educação, creditícia, tributária, e principalmente em inovação e tecnologia.

Há que se considerar o impacto que parcerias com incubadoras de empreendimentos, empresas juniores e outras instituições, como as universidades podem ter no planejamento e efetividade na criação e sustentabilidade de negócios. Essas parcerias poderão gerar melhorias nas condições de gerencia dos empreendimentos, além de em muitos casos gerar a efetividade da criação de produtos e serviços que são pensados em universidades (laboratórios, por exemplo) e não acabam sendo implementadas para o atendimento das necessidades da população.

Além disso, compete salientar a importância da cooperação entre empreendimentos, podendo levar ao aumento da produtividade e da competitividade. Um exemplo bastante estudado é a criação de redes ou clusters em regiões, entretanto, para que isso ocorra é fundamental a existência de capital social qualificado e engajado para que essas transformações ocorram. Pode ser citando ainda o empreendedorismo cooperativista como forma alternativa ao trabalho individual de pequenos produtores agropecuários, podendo

contribuir para ganho de escala, diminuição nos custos de produção e entre outros fatores que influenciam a sustentabilidade desses negócios.

5 CONCLUSÃO

A partir do exposto no trabalho pode-se concluir que no estado do Paraná como era de se esperar não tem crescido o empreendedorismo voltado para o desenvolvimento econômico. As taxas altas de desemprego e entre outros fatores intrínsecos do trabalhador por conta própria, que foi o *proxy* para a análise do empreendedorismo tem levado as pessoas a buscarem criar negócios como alternativa de subsistência.

Apesar de ser um trabalhador que não se subordina a algum estatuto ou regulamento, o trabalhador por conta própria não pode ser considerado um empreendedor inovador, isto é, aquele que remete ao ideal libertário dinamizador do crescimento econômico. Além disso, esse trabalhador é caracterizado por vivenciar várias dificuldades, em virtude de estar marginalizado em termos de direitos trabalhistas, aumentando dessa forma a precarização da mão de obra paranaense.

Isso fica evidente ao conhecer o contexto de atuação desse trabalhador, embora parte substancial desse trabalhador busque atender suas necessidades criando alternativas de negócios que poderia diminuir as desigualdades de renda e melhorar a qualidade de vida, isso não ocorre. Esse efeito contrário do empreendedorismo em países subdesenvolvidos está ligado a vários problemas existentes, como a falta de informações de mercado e em certos casos inexistência de experiência na área que deseja atuar. Além disso, pode não dispor de recursos e ter dificuldades em conseguir apoio financeiro.

Aliado a isso, a grande maioria do empreendedor paranaense não possui formação e informação suficiente sobre a atividade. Coligado com esses problemas há alguns desafios que o empreendedor precisa transpor, tais como a alta carga tributária, a burocracia e a dificuldade em encontrar mão de obra qualificada.

A análise quantitativa demonstrou que o empreendedorismo não contribui significativamente para o desenvolvimento econômico nos municípios paranaense, somente eleva o número de pessoas ocupadas. Entretanto, essas são alocadas em atividades pouco dinâmicas e de baixa remuneração, decorrente em grande parte das características do trabalhador por conta própria. Sendo assim, faz-se necessário a promoção do empreendimento por oportunidade, isto é, a criação de negócios planejados que agreguem valor a produtos e serviços, e principalmente, transformem a dinâmica econômica dos municípios.

Conquanto, o que se nota são ações governamentais unicamente para formalização desses trabalhadores², em grande parte incluindo-os na categoria do microempreendedor individual, isso leva a algumas melhorias, tais como contribuição para a previdência, maior seguro nas atividades prestadas, direito de participar de licitações públicas, mas não leva a mudança de paradigmas, como o fomento a criação de empresas inovadoras como, por exemplo, as que estão surgindo no mundo globalizado que são as *startups*³.

Os resultados obtidos no estudo levam a algumas conclusões e sugestões que podem ser implementadas para o amadurecimento do empreendedorismo no Brasil e especificamente no estado do Paraná. Um aspecto relevante são implicações para políticas públicas orientadas para o fomento ao empreendedorismo, políticas econômicas que suavizem a carga tributária e aumentem o crédito para empreendedores. Ligado a isso, um ambiente econômico e político que seja favorável ao empreendedorismo.

É nítida a necessidade de mais estudos que analisem a contribuição do empreendedorismo para o desenvolvimento socioeconômico, com isso, pode-se elencar algumas sugestões de futuras pesquisas que envolvam a criação e a mortalidade dos empreendimentos. Além disso, é interessante incluir em novos estudos outro indicador que expresse empreendedorismo, como por exemplo, ampliar o conceito de empreendedorismo já que podem existir empreendimentos de maior que os analisados nesse trabalho que também são gerados por empreendedores. É interessante destacar dentro de novas pesquisas aspectos relacionados ao papel da tecnologia, do capital social e da educação como fatores importantes para gerar desenvolvimento econômico.

Por fim, a pesquisa pode ser orientada para todo o país e se o pesquisador tiver fôlego, comparar a realidade brasileira com países desenvolvidos para poder analisar se os resultados empíricos anteriores podem ser comprovados, isto é, no caso de países desenvolvidos o empreendedorismo contribui para o desenvolvimento econômico e em países emergentes há o efeito oposto.

² Lei Complementar Nº128/2008 criou o microempreendedor individual com o intuito de formalizar o trabalhador por conta própria.

³ Startups são modelos de negócios repetíveis e escalável e que trabalha em condições de extrema incerteza. Em suma, pode-se dizer que são empresas jovens, inovadoras e com grande potencial de crescimento.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L.; Capital social e empreendedorismo local. **Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**.

ALVAREZ, A.R. **Desenvolvimentos teóricos sobre distribuição de renda com ênfase em seus limites**. 1996. Dissertação de Mestrado apresentado na Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1996.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, 2014.

BARROS, A. A.; PEREIRA, C. M. M. A. Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **Rev. Adm. Contemp.**, Curitiba, v. 12, n. 4, Dec. 2008.

BILERT, V. S. S. et al. A contribuição do capital social para o desenvolvimento local sustentável. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista – UNIOESTE**. v. 11 – nº21 – 2º sem.2011 – p. 29 -42.

CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Fani Goldfarb. Curitiba, Segesta Editora, 2002. Versão em pdf.

CRUZ, C.F. **Os motivos que dificultam a ação empreendedora conforme o ciclo de vida das organizações. Um estudo de caso: Pramp's Lanchonete**. Dissertação de Mestrado para obtenção de grau de mestre em Engenharia, apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Florianópolis, 2005.

DORNELAS, J. C. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FÉLIX, R.D.C; FARAH JUNIOR. M. F.F. Empreendedorismo e desenvolvimento nos municípios paranaenses – uma análise dos indicadores. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**. Curitiba, v.2.nº 2, 2013.

FILLION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**. São Paulo,v.4, 1999.

GALA, P. A teoria institucional de Douglas North. **Revista de economia política**, v. 23, nº2, 2003.

GALEAZZI, I. HOLZMANN, L. Precarização. In: CATTANI, A. HOLZMANN, L (organizadores). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

GEM, Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2000**. Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco. Curitiba: IBQP, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa social**. 6ª Edição – 3. Reimpressão – São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, A. F. O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. **Revista Eletrônica de Administração**. V. 4, nº 2, 2005.

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. **Econometria Básica**. 5ª Edição – Porto Alegre: AMGH, 2011.

HOLZMANN, L. O trabalhador por conta própria. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, v. 34, n.124, jan. - jun. 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Empreendedorismo – 2010. Estudos e Pesquisas – Informação Econômica**.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Mensal de Emprego. Trabalhadores por conta própria – perfil e destaques**. Março-2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTES, A.C. B. Weber e Schumpeter: A ação econômica do empreendedor. **Revista de economia política**, vol. 30, nº 2, p. 254-270, abr.-jun, 2010.

MENEZES, W.F.; PALMEIRA, G.T. Avaliação do trabalho autônomo na região metropolitana de Salvador entre 2005-2006. **Revista Brasileira de Estudos – ABET**. vol. VII – nº2, 2008.

OLIVEIRA, F. M. Empreendedorismo: Teoria e Prática. **Revista on line: Especialize – IPOG**. Maio, 2012.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PERROUX, F. **Ensaio Sobre a Filosofia do Novo Desenvolvimento**. Editora Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal, 1981.

PINHO, D.; VASCONCELLOS, M. A. S. **Manual de Economia**: Equipe dos Professores da USP. 5ª Edição, São Paulo, 2005.

PLEIN, C.; FILIPPI, E. E. Os mercados e a teoria econômica das instituições. **Estudos. Sociais e Agricultura**. Rio de Janeiro, vol. 18, n. 2, 2010: 317-350.

SAY, Jean-Baptiste. **Tratado de Economia Política**. Tradução de Georges Tapinos. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. (L. Schlaepfer, Trad.). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. Livro digital. (Obra original publicada em 1911).

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Editado por George Allen, traduzido por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961. Formato Digital.

SOUZA, N. de J. **Desenvolvimento Econômico**. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2012.

VARELLA, S. R. D.; MEDEIROS, J. B. S.; JUNIOR, M. T.; O desenvolvimento da Teoria da Inovação Schumpeteriana. **XXXII Encontro Nacional de Engenharia da Produção. Desenvolvimento e Sustentável e Responsabilidade Social**: as contribuições da Engenharia da Produção. Bento Gonçalves, RS, 15 a 18 de Outubro de 2012.

ZEN, A.C.; FRACASSO, E. M. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. **Revista de Administração Mackenzie**. Vol. 9. São Paulo, 2008.

ZARPELLON, S. C. O empreendedorismo e a teoria econômica institucional. **Revista Iberoamericana de Ciências empresariales y economia**. Montevideo, Uruguai.

APÊNDICE – TABELA COM OS DADOS DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

DADOS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTE E DEPENDENTE								
	FONTE IBGE					IPARDES		
MUNICÍPIOS	CONTA PRÓPRIA	PEA	DESOCUP	TAXA EMP	TAXA DESEMP	PIB	GINI	IDH
Abatiá - PR	1025	4141	205	0.247524752	0.04950495	10389	0.44	0.687
Adrianópolis - PR	454	2576	153	0.176242236	0.05939441	10699	0.53	0.667
Agudos do Sul - PR	1807	4427	243	0.408177095	0.054890445	10528	0.48	0.66
Almirante Tamandaré - PR	9079	53568	1960	0.169485514	0.036589008	6903	0.43	0.699
Altamira do Paraná - PR	560	2229	118	0.251233737	0.052938537	8684	0.58	0.667
Altônia - PR	2660	11648	410	0.228365385	0.035199176	7691	0.38	0.721
Alto Paraná - PR	1189	6539	301	0.181832084	0.046031503	10145	0.43	0.696
Alto Piquiri - PR	625	4700	257	0.132978723	0.054680851	11515	0.44	0.676
Alvorada do Sul - PR	924	4879	329	0.18938307	0.067431851	11080	0.48	0.708
Amaporã - PR	252	2675	134	0.094205607	0.050093458	8793	0.39	0.669
Ampére - PR	1768	8487	321	0.208318605	0.037822552	15370	0.48	0.709
Anahy - PR	317	1406	55	0.225462304	0.039118065	12913	0.42	0.695
Andirá - PR	1454	10303	878	0.141123944	0.085217898	17552	0.42	0.725
Ângulo - PR	346	1633	80	0.211879976	0.04898959	14148	0.44	0.721
Antonina - PR	1562	7584	707	0.205959916	0.093222574	15759	0.55	0.687
Antônio Olinto - PR	1210	3952	244	0.306174089	0.061740891	15118	0.49	0.656
Apucarana - PR	14223	68403	2492	0.207929477	0.036431151	14562	0.45	0.748
Arapongas - PR	9813	57754	2657	0.169910309	0.046005471	25319	0.46	0.748
Arapoti - PR	2039	11716	946	0.174035507	0.080744281	23337	0.57	0.723
Arapuã - PR	422	1676	105	0.251789976	0.062649165	10914	0.5	0.676
Araruna - PR	1574	7464	390	0.210878885	0.052250804	17814	0.4	0.704
Araucária - PR	10241	64979	4218	0.157604765	0.06491328	75834	0.46	0.74
Ariranha do Ivaí - PR	457	1485	79	0.307744108	0.053198653	14847	0.41	0.67

Assaí - PR	1731	8155	520	0.212262416	0.063764562	16253	0.55	0.728
Assis Chateaubriand - PR	4631	17240	865	0.26861949	0.050174014	16870	0.47	0.729
Astorga - PR	3240	14138	655	0.229169614	0.046329042	12288	0.5	0.747
Atalaia - PR	466	2199	157	0.211914507	0.071396089	14105	0.41	0.736
Balsa Nova - PR	737	5467	432	0.134808853	0.079019572	33677	0.44	0.696
Bandeirantes - PR	3169	16226	932	0.195303833	0.057438679	10301	0.49	0.727
Barbosa Ferraz - PR	961	5938	300	0.161839003	0.050522061	7456	0.48	0.696
Barracão - PR	1507	5314	234	0.283590516	0.044034626	11571	0.54	0.706
Barra do Jacaré - PR	335	1383	37	0.242227043	0.026753435	16038	0.42	0.744
Bela Vista da Caroba - PR	1001	2581	43	0.387834173	0.016660209	10663	0.51	0.681
Bela Vista do Paraíso - PR	1373	7798	371	0.176070787	0.047576302	13064	0.47	0.716
Bituruna - PR	1713	7907	397	0.21664348	0.050208676	9848	0.49	0.667
Boa Esperança - PR	526	2449	179	0.214781543	0.073091058	20993	0.47	0.72
Boa Esperança do Iguaçu - PR	629	1736	17	0.362327189	0.009792627	16037	0.44	0.7
Boa Ventura de São Roque - PR	1200	3769	46	0.31838684	0.012204829	14967	0.51	0.655
Boa Vista da Aparecida - PR	1141	4024	195	0.283548708	0.048459245	7622	0.48	0.67
Bocaiúva do Sul - PR	1031	5857	215	0.176028684	0.036708212	10084	0.46	0.64
Bom Jesus do Sul - PR	757	1905	35	0.397375328	0.018372703	8907	0.46	0.697
Bom Sucesso - PR	511	3296	149	0.155036408	0.045206311	9483	0.43	0.686
Bom Sucesso do Sul - PR	340	1495	21	0.227424749	0.014046823	20740	0.53	0.742
Borrazópolis - PR	1397	4594	184	0.304092294	0.040052242	10995	0.43	0.717
Braganey - PR	792	3073	187	0.257728604	0.060852587	13698	0.5	0.701
Brasilândia do Sul - PR	388	1483	78	0.261631827	0.052596089	21996	0.45	0.681
Cafeara - PR	239	1390	157	0.171942446	0.11294964	12869	0.4	0.693
Cafelândia - PR	1450	8964	341	0.161758144	0.038041053	33127	0.41	0.748
Cafezal do Sul - PR	454	2304	74	0.197048611	0.032118056	8855	0.41	0.692
Califórnia - PR	936	4342	225	0.215568862	0.051819438	7876	0.5	0.722
Cambará - PR	2015	12098	1029	0.166556456	0.085055381	14002	0.47	0.721
Cambé - PR	9799	53842	2526	0.181995468	0.046915048	18325	0.42	0.734

Cambira - PR	916	4029	146	0.2273517	0.03623728	13346	0.42	0.725
Campina da Lagoa - PR	1901	7950	513	0.239119497	0.064528302	12269	0.46	0.704
Campina do Simão - PR	507	2028	118	0.25	0.058185404	10653	0.5	0.63
Campina Grande do Sul - PR	2806	20625	1004	0.136048485	0.048678788	17115	0.44	0.718
Campo Bonito - PR	855	2388	83	0.358040201	0.034757119	17254	0.48	0.681
Campo do Tenente - PR	488	3251	216	0.150107659	0.066441095	15139	0.49	0.686
Campo Largo - PR	10097	60255	3024	0.167571156	0.050186706	15693	0.45	0.745
Campo Magro - PR	3078	13047	545	0.235916303	0.041772055	8482	0.38	0.701
Campo Mourão - PR	8048	46283	3018	0.17388674	0.065207528	19640	0.5	0.757
Cândido de Abreu - PR	3668	8618	226	0.425620794	0.026224182	8176	0.57	0.629
Candói - PR	1988	6905	297	0.287907314	0.04301231	14712	0.54	0.635
Cantagalo - PR	1880	5957	410	0.315595098	0.068826591	8516	0.51	0.635
Capanema - PR	4399	11565	290	0.380371812	0.025075659	15026	0.45	0.706
Capitão Leônidas Marques - PR	2172	8460	592	0.256737589	0.069976359	51990	0.46	0.716
Carambeí - PR	1484	9061	588	0.163778832	0.0648935	34785	0.53	0.728
Carlópolis - PR	2433	7569	194	0.321442727	0.025630863	13770	0.47	0.713
Cascavel - PR	31751	161365	7852	0.196765098	0.04865987	18670	0.51	0.782
Castro - PR	5619	30843	1647	0.182180722	0.053399475	16617	0.53	0.703
Catanduvas - PR	1891	5500	110	0.343818182	0.02	13376	0.53	0.678
Centenário do Sul - PR	756	5595	365	0.135120643	0.065236819	8593	0.41	0.668
Cerro Azul - PR	2796	7787	157	0.359059972	0.020161808	8494	0.48	0.573
Céu Azul - PR	1475	6568	377	0.224573691	0.057399513	24334	0.47	0.732
Chopinzinho - PR	3575	11552	397	0.309470222	0.034366343	13055	0.55	0.74
Cianorte - PR	8940	42033	1582	0.212690029	0.037637095	17393	0.41	0.755
Cidade Gaúcha - PR	826	6316	354	0.130778974	0.056048132	13046	0.42	0.718
Clevelândia - PR	1871	8345	537	0.224206111	0.06434991	10735	0.58	0.694
Colombo - PR	20876	115698	6038	0.180435271	0.052187592	11149	0.41	0.733
Colorado - PR	1784	12731	739	0.14013039	0.058047286	16490	0.43	0.73
Congonhinhas - PR	1139	3977	237	0.286396781	0.059592658	10209	0.5	0.668

Conselheiro Mairinck - PR	336	1916	125	0.175365344	0.065240084	11419	0.47	0.707
Contenda - PR	2909	8671	361	0.335486103	0.04163303	10195	0.47	0.681
Corbélia - PR	2222	8754	242	0.253826822	0.027644505	18018	0.48	0.738
Cornélio Procópio - PR	4590	24880	1726	0.184485531	0.06937299	16108	0.48	0.759
Coronel Domingos Soares - PR	826	3499	96	0.236067448	0.02743641	11596	0.54	0.6
Coronel Vivida - PR	3019	12440	422	0.242684887	0.03392283	12635	0.47	0.723
Corumbataí do Sul - PR	237	2234	88	0.106087735	0.039391226	9821	0.42	0.638
Cruzeiro do Iguaçu - PR	412	2255	122	0.1827051	0.054101996	14565	0.51	0.709
Cruzeiro do Oeste - PR	1860	10663	694	0.174434962	0.065084873	13952	0.43	0.717
Cruzeiro do Sul - PR	392	2394	87	0.16374269	0.036340852	21634	0.42	0.713
Cruz Machado - PR	4270	10576	191	0.403744327	0.018059758	9458	0.54	0.664
Cruzmalina - PR	491	1684	61	0.291567696	0.036223278	14871	0.38	0.666
Curitiba - PR	190385	995543	48348	0.191237345	0.048564452	33123	0.55	0.823
Curiúva - PR	1220	6448	429	0.189205955	0.066532258	8580	0.45	0.656
Diamante do Norte - PR	523	2694	128	0.194135115	0.047512992	7205	0.44	0.723
Diamante do Sul - PR	425	1654	58	0.256952842	0.035066505	7430	0.45	0.608
Diamante D'Oeste - PR	616	2603	68	0.236650019	0.026123703	10195	0.5	0.644
Dois Vizinhos - PR	5064	21650	912	0.233903002	0.042124711	18926	0.47	0.767
Douradina - PR	803	3982	125	0.201657459	0.031391261	39754	0.43	0.724
Doutor Camargo - PR	901	2962	152	0.304186361	0.051316678	12147	0.39	0.746
Enéas Marques - PR	985	3437	82	0.28658714	0.023858016	17183	0.6	0.752
Engenheiro Beltrão - PR	1296	6956	399	0.186313974	0.057360552	15162	0.43	0.73
Esperança Nova - PR	320	1204	64	0.265780731	0.053156146	9691	0.39	0.689
Entre Rios do Oeste - PR	682	2469	93	0.276225192	0.037667072	20900	0.5	0.761
Espigão Alto do Iguaçu - PR	335	2293	70	0.146096816	0.030527693	10702	0.57	0.636
Farol - PR	414	1708	146	0.242388759	0.085480094	18238	0.49	0.715
Faxinal - PR	2527	8166	258	0.309453833	0.031594416	12322	0.48	0.687
Fazenda Rio Grande - PR	6450	41158	2610	0.156713154	0.06341416	8712	0.46	0.72
Fênix - PR	548	2401	265	0.228238234	0.110370679	12546	0.43	0.716

Fernandes Pinheiro - PR	749	2642	92	0.28349735	0.034822104	11230	0.54	0.645
Figueira - PR	568	3351	172	0.169501641	0.051327962	9460	0.44	0.677
Floraí - PR	443	2793	53	0.158610813	0.018976011	22405	0.43	0.745
Flor da Serra do Sul - PR	1310	2807	56	0.466690417	0.019950125	13026	0.46	0.682
Floresta - PR	768	3271	200	0.234790584	0.061143381	12462	0.36	0.736
Florestópolis - PR	535	5730	363	0.093368237	0.063350785	9582	0.34	0.701
Flórida - PR	246	1419	64	0.173361522	0.045102185	10184	0.39	0.732
Formosa do Oeste - PR	1541	4041	113	0.381341252	0.027963375	13970	0.41	0.723
Foz do Iguaçu - PR	31629	133547	9904	0.236837967	0.074161157	25395	0.53	0.751
Francisco Alves - PR	714	3105	191	0.229951691	0.061513688	11751	0.41	0.669
Francisco Beltrão - PR	10442	46884	1551	0.222719904	0.033081648	16569	0.47	0.774
Foz do Jordão - PR	341	2317	222	0.147173069	0.095813552	9102	0.54	0.645
General Carneiro - PR	880	5578	408	0.157762639	0.073144496	17063	0.48	0.652
Godoy Moreira - PR	632	1865	47	0.338873995	0.025201072	7589	0.44	0.675
Goioerê - PR	2996	14744	799	0.203201302	0.054191536	13502	0.48	0.731
Goioxim - PR	1559	4286	152	0.363742417	0.035464302	9087	0.49	0.641
Grandes Rios - PR	1101	3748	157	0.29375667	0.041889007	9155	0.45	0.658
Guaíra - PR	3948	16026	828	0.246349682	0.051666043	12760	0.57	0.724
Guairaçá - PR	464	3025	137	0.15338843	0.045289256	12774	0.45	0.693
Guamiranga - PR	2065	4242	76	0.48679868	0.017916077	15189	0.46	0.669
Guapirama - PR	375	1817	79	0.20638415	0.043478261	12423	0.46	0.702
Guaporema - PR	134	1154	38	0.116117851	0.032928943	13580	0.37	0.719
Guaraci - PR	447	2794	84	0.159985684	0.030064424	9199	0.37	0.698
Guaraniaçu - PR	2245	8410	219	0.266944114	0.026040428	12134	0.54	0.677
Guarapuava - PR	14960	81398	5394	0.183788299	0.066266984	15033	0.55	0.731
Guaraqueçaba - PR	1565	3517	120	0.444981518	0.034119989	7419	0.49	0.587
Guaratuba - PR	5027	14520	635	0.346212121	0.043732782	10265	0.56	0.717
Honório Serpa - PR	1144	3536	69	0.323529412	0.019513575	15173	0.46	0.683
Ibaiti - PR	2714	13797	972	0.19670943	0.070450098	11056	0.62	0.71

Ibema - PR	656	3193	186	0.205449421	0.058252427	11579	0.44	0.685
Ibiporã - PR	4939	23728	1692	0.208150708	0.071308159	24172	0.45	0.726
Icaraíma - PR	807	4233	251	0.190644933	0.059296008	10907	0.42	0.666
Iguaraçu - PR	347	2210	118	0.157013575	0.053393665	20911	0.42	0.758
Iguatu - PR	281	1247	60	0.225340818	0.048115477	17555	0.46	0.703
Imbaú - PR	603	5139	318	0.117338004	0.061879743	10055	0.43	0.622
Imbituva - PR	3471	13680	483	0.25372807	0.035307018	12315	0.51	0.66
Inácio Martins - PR	1089	5074	125	0.214623571	0.024635396	8636	0.51	0.6
Inajá - PR	264	1485	127	0.177777778	0.085521886	10171	0.43	0.705
Indianópolis - PR	398	2438	74	0.163248564	0.030352748	27214	0.35	0.724
Ipiranga - PR	3088	6853	166	0.450605574	0.024222968	16898	0.53	0.652
Iporã - PR	1761	7714	348	0.228286233	0.045112782	11618	0.45	0.706
Iracema do Oeste - PR	415	1523	42	0.27248851	0.02757715	14472	0.4	0.707
Iratí - PR	8248	29788	1501	0.276890023	0.050389419	13956	0.49	0.726
Iretama - PR	1738	5129	156	0.338857477	0.030415286	9183	0.58	0.665
Itaguajé - PR	524	2243	159	0.233615693	0.070887205	9760	0.41	0.707
Itaipulândia - PR	1196	5061	215	0.236316933	0.042481723	15052	0.63	0.738
Itambaracá - PR	569	3087	222	0.184321348	0.07191448	10643	0.42	0.694
Itambé - PR	542	2835	114	0.191181658	0.04021164	13790	0.36	0.746
Itapejara d'Oeste - PR	1584	5817	142	0.272305312	0.024411209	15269	0.49	0.731
Itaperuçu - PR	1543	11078	313	0.13928507	0.028254198	11962	0.4	0.637
Itaúna do Sul - PR	255	1598	108	0.159574468	0.067584481	8653	0.37	0.656
Ivaí - PR	3438	7008	123	0.490582192	0.01755137	15467	0.5	0.651
Ivaiporã - PR	4406	16966	985	0.259695862	0.058057291	11331	0.48	0.73
Ivaté - PR	524	3858	240	0.135821669	0.062208398	13775	0.37	0.706
Ivatuba - PR	286	1294	41	0.221020093	0.031684699	13923	0.43	0.766
Jaboti - PR	957	2760	205	0.34673913	0.074275362	8054	0.48	0.718
Jacarezinho - PR	2932	19561	1393	0.149890087	0.071213128	13842	0.53	0.743
Jaguapitã - PR	858	6703	279	0.128002387	0.041623154	25966	0.4	0.715

Jaguariaíva - PR	2248	14440	1064	0.15567867	0.073684211	21907	0.51	0.743
Jandaia do Sul - PR	2689	11410	424	0.235670465	0.037160386	17766	0.46	0.747
Janiópolis - PR	799	3040	84	0.262828947	0.027631579	12445	0.5	0.696
Japira - PR	778	2746	110	0.283321194	0.040058267	10151	0.47	0.696
Japurá - PR	1038	4922	228	0.210889882	0.046322633	10609	0.35	0.712
Jardim Alegre - PR	1123	5951	206	0.18870778	0.034616031	8808	0.66	0.689
Jardim Olinda - PR	111	602	33	0.184385382	0.054817276	15236	0.44	0.682
Jataizinho - PR	831	5411	388	0.153576049	0.071705785	9671	0.44	0.687
Jesuítas - PR	1508	4993	163	0.302022832	0.032645704	14374	0.42	0.705
Joaquim Távora - PR	1464	5769	174	0.253770151	0.030161206	18635	0.43	0.7
Jundiá do Sul - PR	308	1705	67	0.180645161	0.039296188	11779	0.5	0.688
Juranda - PR	1231	3888	237	0.316615226	0.06095679	19149	0.44	0.708
Jussara - PR	553	3456	135	0.160011574	0.0390625	13722	0.46	0.718
Kaloré - PR	625	2325	151	0.268817204	0.064946237	10042	0.4	0.721
Lapa - PR	5434	22493	967	0.241586271	0.042991153	16808	0.49	0.706
Laranjal - PR	844	3005	117	0.280865225	0.038935108	6297	0.49	0.585
Laranjeiras do Sul - PR	3759	15451	684	0.243285224	0.044268979	9532	0.54	0.706
Leópolis - PR	252	1922	172	0.131113424	0.089490114	14842	0.39	0.707
Lidianópolis - PR	782	1931	39	0.404971517	0.020196789	9113	0.4	0.68
Lindoeste - PR	784	2200	104	0.356363636	0.047272727	15158	0.5	0.666
Loanda - PR	2502	11741	706	0.213099395	0.060131164	10676	0.47	0.725
Lobato - PR	441	2524	174	0.174722662	0.068938193	23090	0.38	0.744
Londrina - PR	52608	275978	14048	0.19062389	0.050902608	21448	0.51	0.778
Luiziana - PR	654	3434	170	0.190448457	0.04950495	17734	0.48	0.668
Lunardelli - PR	662	2658	63	0.249059443	0.023702032	8477	0.46	0.69
Lupionópolis - PR	332	2477	179	0.134033105	0.072264836	9487	0.48	0.71
Mallet - PR	2501	6831	237	0.366125018	0.034694774	19753	0.46	0.708
Mamborê - PR	1806	6773	419	0.266646981	0.061863281	18286	0.49	0.719
Mandaguaçu - PR	1599	10602	565	0.1508206	0.053291832	12056	0.41	0.718

Mandaguari - PR	3307	18290	804	0.180809185	0.043958447	16789	0.45	0.751
Mandirituba - PR	3770	11712	766	0.321892077	0.065403005	15969	0.46	0.655
Manfrinópolis - PR	519	1737	39	0.298791019	0.022452504	10265	0.47	0.645
Mangueirinha - PR	1841	8508	443	0.216384579	0.052068641	45667	0.57	0.688
Manoel Ribas - PR	2945	7716	291	0.381674443	0.037713841	11047	0.6	0.716
Marechal Cândido Rondon - PR	6630	27560	966	0.240566038	0.035050798	21092	0.53	0.774
Maria Helena - PR	709	3158	90	0.224509183	0.02849905	7379	0.41	0.703
Marialva - PR	4240	17889	588	0.237017161	0.032869361	14817	0.44	0.735
Marilândia do Sul - PR	1046	4345	155	0.240736479	0.035673188	16983	0.44	0.691
Marilena - PR	679	3500	212	0.194	0.060571429	7314	0.36	0.681
Mariluz - PR	1036	4621	222	0.224193897	0.048041549	8613	0.46	0.639
Maringá - PR	40131	204301	9164	0.196430757	0.044855385	23986	0.49	0.808
Mariópolis - PR	906	3385	170	0.267651403	0.050221566	16617	0.48	0.698
Maripá - PR	1510	3590	92	0.420612813	0.025626741	26975	0.42	0.758
Marmeleiro - PR	3031	8333	345	0.363734549	0.041401656	11635	0.51	0.722
Marquinho - PR	1023	3004	31	0.340545939	0.010319574	7686	0.5	0.614
Marumbi - PR	391	2766	138	0.141359364	0.04989154	8149	0.46	0.721
Matelândia - PR	2577	9008	418	0.286079041	0.046403197	15961	0.46	0.725
Matinhos - PR	4086	15009	902	0.272236658	0.060097275	11566	0.48	0.743
Mato Rico - PR	382	2271	37	0.168207838	0.016292382	8527	0.45	0.632
Mauá da Serra - PR	662	3908	236	0.169396111	0.060388946	15773	0.47	0.652
Medianeira - PR	5140	24774	978	0.207475579	0.039476871	18060	0.49	0.763
Mercedes - PR	1069	2990	45	0.357525084	0.015050167	16902	0.41	0.74
Mirador - PR	115	949	39	0.12118019	0.04109589	18188	0.4	0.68
Miraselva - PR	170	992	44	0.171370968	0.044354839	11331	0.39	0.748
Missal - PR	1675	5714	196	0.293139657	0.034301715	17386	0.45	0.711
Moreira Sales - PR	1032	6094	285	0.169346899	0.046767312	9719	0.44	0.675
Morretes - PR	2140	7644	472	0.279958137	0.061747776	9174	0.53	0.686
Munhoz de Melo - PR	477	2030	69	0.234975369	0.033990148	11491	0.39	0.726

Nossa Senhora das Graças - PR	224	1903	86	0.117708881	0.045191802	8870	0.33	0.709
Nova Aliança do Ivaí - PR	84	724	23	0.116022099	0.031767956	14013	0.34	0.717
Nova América da Colina - PR	236	1704	68	0.138497653	0.039906103	12139	0.36	0.698
Nova Aurora - PR	1544	6006	197	0.257076257	0.032800533	17270	0.55	0.733
Nova Cantu - PR	1300	3738	94	0.347779561	0.025147138	10293	0.48	0.658
Nova Esperança - PR	3175	14515	730	0.218739235	0.050292801	14470	0.46	0.722
Nova Esperança do Sudoeste - PR	846	3207	77	0.263797942	0.024009978	11218	0.5	0.714
Nova Fátima - PR	686	4095	193	0.167521368	0.047130647	10436	0.45	0.688
Nova Laranjeiras - PR	2108	5795	64	0.363761864	0.011044003	7678	0.56	0.642
Nova Londrina - PR	1147	7161	449	0.16017316	0.06270074	12982	0.5	0.758
Nova Olímpia - PR	614	3140	107	0.195541401	0.034076433	7378	0.4	0.71
Nova Santa Bárbara - PR	445	1812	145	0.245584989	0.080022075	8693	0.49	0.68
Nova Santa Rosa - PR	1759	4959	146	0.354708611	0.02944142	18644	0.41	0.731
Nova Prata do Iguaçu - PR	2041	6411	242	0.31835907	0.037747621	13179	0.46	0.716
Nova Tebas - PR	1197	3918	91	0.305513017	0.023226136	6858	0.5	0.651
Novo Itacolomi - PR	609	1570	32	0.387898089	0.020382166	10452	0.38	0.71
Ortigueira - PR	2903	12110	510	0.23971924	0.042113955	10572	0.49	0.609
Ourizona - PR	299	1875	86	0.159466667	0.045866667	14618	0.44	0.72
Ouro Verde do Oeste - PR	629	2890	91	0.217647059	0.031487889	13635	0.41	0.709
Paiçandu - PR	3279	19751	1094	0.166016911	0.055389601	6519	0.36	0.716
Palmas - PR	3189	19666	948	0.162158039	0.048205024	11945	0.54	0.66
Palmeira - PR	4020	15858	690	0.253499811	0.043511162	17560	0.59	0.718
Palmital - PR	2468	7850	288	0.314394904	0.036687898	7179	0.52	0.639
Palotina - PR	3761	17355	631	0.216709882	0.036358398	28021	0.47	0.768
Paraíso do Norte - PR	779	6546	216	0.119003972	0.03299725	9941	0.48	0.746
Paranacity - PR	888	5175	153	0.171594203	0.029565217	14143	0.4	0.717
Paranaguá - PR	12134	66849	6020	0.18151356	0.090053703	29015	0.52	0.75
Paranapoema - PR	144	1409	75	0.102200142	0.053229241	11669	0.43	0.709
Paranavaí - PR	9259	43835	2570	0.211223908	0.058628949	13539	0.48	0.763

Pato Bragado - PR	838	2978	72	0.281396911	0.0241773	13726	0.43	0.747
Pato Branco - PR	7993	39966	1346	0.199994996	0.033678627	21816	0.51	0.782
Paula Freitas - PR	507	2381	113	0.212935741	0.047459051	24483	0.58	0.717
Paulo Frontin - PR	1816	3821	67	0.475268254	0.017534677	18701	0.51	0.708
Peabiru - PR	1800	6640	381	0.271084337	0.057379518	9791	0.54	0.723
Perobal - PR	423	2922	131	0.14476386	0.044832307	14577	0.41	0.713
Pérola - PR	1467	6014	146	0.243930828	0.024276688	21441	0.37	0.7
Pérola d'Oeste - PR	2293	4189	38	0.547386011	0.009071377	11545	0.44	0.726
Piên - PR	2359	6319	206	0.373318563	0.032600095	37247	0.42	0.694
Pinhais - PR	10442	61598	2861	0.169518491	0.046446313	32860	0.48	0.751
Pinhalão - PR	1083	3309	126	0.327289211	0.038077969	11207	0.49	0.697
Pinhal de São Bento - PR	814	1578	24	0.515842839	0.015209125	9788	0.37	0.695
Pinhão - PR	3241	15892	647	0.203939089	0.040712308	26653	0.53	0.654
Piraí do Sul - PR	1705	9796	649	0.174050633	0.066251531	15132	0.56	0.708
Piraquara - PR	7055	44585	2781	0.158237075	0.062375238	6789	0.41	0.7
Pitanga - PR	5786	18210	745	0.317737507	0.040911587	10758	0.52	0.702
Pitangueiras - PR	343	1568	44	0.21875	0.028061224	15497	0.33	0.71
Planaltina do Paraná - PR	433	2155	93	0.200928074	0.043155452	10946	0.43	0.705
Planalto - PR	3729	8716	117	0.427833869	0.013423589	11199	0.47	0.706
Ponta Grossa - PR	27768	149288	10192	0.186002894	0.068270725	21565	0.54	0.763
Pontal do Paraná - PR	3353	10140	595	0.330670611	0.058678501	9505	0.51	0.738
Porecatu - PR	731	7362	473	0.09929367	0.064248845	11095	0.44	0.738
Porto Amazonas - PR	323	2374	130	0.136057287	0.054759899	14568	0.51	0.7
Porto Barreiro - PR	1163	2391	55	0.486407361	0.023002928	12360	0.52	0.688
Porto Rico - PR	214	1344	75	0.15922619	0.055803571	10834	0.48	0.735
Porto Vitória - PR	540	2087	51	0.258744609	0.024436991	9127	0.44	0.685
Prado Ferreira - PR	295	1734	81	0.170126874	0.046712803	14540	0.49	0.71
Pranchita - PR	1057	3448	138	0.306554524	0.040023202	16222	0.52	0.752
Presidente Castelo Branco - PR	402	2429	85	0.165500206	0.034993825	11749	0.37	0.713

Primeiro de Maio - PR	1244	5044	191	0.246629659	0.037866772	13069	0.45	0.701
Prudentópolis - PR	11723	28892	883	0.405752457	0.030562093	10369	0.47	0.676
Quarto Centenário - PR	497	2361	135	0.210504024	0.057179161	18625	0.61	0.71
Quatiguá - PR	742	3608	152	0.205654102	0.042128603	10672	0.41	0.714
Quatro Barras - PR	1498	10538	596	0.142152211	0.056557221	37045	0.47	0.742
Quatro Pontes - PR	819	2282	33	0.358895706	0.014460999	20256	0.47	0.791
Quedas do Iguaçu - PR	3742	16131	783	0.231975699	0.048540078	25622	0.58	0.681
Querência do Norte - PR	1981	6513	360	0.304160909	0.055274067	8645	0.5	0.688
Quinta do Sol - PR	380	2763	115	0.137531668	0.041621426	16497	0.44	0.715
Quitandinha - PR	3400	7944	373	0.427995972	0.046953676	10084	0.47	0.68
Ramilândia - PR	644	1860	80	0.346236559	0.043010753	11805	0.48	0.63
Rancho Alegre - PR	310	1975	143	0.156962025	0.072405063	10856	0.49	0.707
Rancho Alegre D'Oeste - PR	348	1349	39	0.257968866	0.028910304	19269	0.44	0.704
Realeza - PR	2279	9579	305	0.237916275	0.031840484	15756	0.43	0.722
Rebouças - PR	2265	6887	435	0.328880499	0.06316248	11601	0.51	0.672
Renascença - PR	1515	4204	143	0.360371075	0.034015224	17707	0.58	0.733
Reserva - PR	2540	11721	556	0.216705059	0.047436226	11567	0.5	0.618
Reserva do Iguaçu - PR	743	3262	272	0.227774372	0.083384427	9169	0.57	0.648
Ribeirão Claro - PR	987	5039	263	0.195872197	0.052192895	15099	0.52	0.716
Ribeirão do Pinhal - PR	1039	6714	344	0.154751266	0.051236223	7963	0.5	0.701
Rio Azul - PR	3920	8122	262	0.482639744	0.032258065	16902	0.63	0.687
Rio Bom - PR	555	1531	1	0.362508165	0.000653168	9987	0.43	0.729
Rio Bonito do Iguaçu - PR	3555	8337	234	0.426412379	0.02806765	8727	0.5	0.629
Rio Branco do Ivaí - PR	310	1867	74	0.166041778	0.039635779	9848	0.49	0.64
Rio Branco do Sul - PR	3198	14312	350	0.223448854	0.024455003	26716	0.47	0.679
Rio Negro - PR	4166	15946	838	0.261256742	0.052552364	18611	0.48	0.76
Rolândia - PR	5694	32457	1640	0.17543211	0.050528391	21402	0.45	0.739
Roncador - PR	1193	6042	274	0.197451175	0.045349222	12128	0.53	0.681
Rondon - PR	715	5147	108	0.138915873	0.020983097	18569	0.41	0.713

Rosário do Ivaí - PR	638	2772	153	0.23015873	0.055194805	6826	0.47	0.662
Sabáudia - PR	684	3527	183	0.193932521	0.051885455	20819	0.41	0.74
Salgado Filho - PR	1222	2588	78	0.472179289	0.030139104	13380	0.46	0.7
Salto do Itararé - PR	791	2836	76	0.278913963	0.026798307	26217	0.42	0.704
Salto do Lontra - PR	2629	7835	175	0.335545629	0.022335673	12354	0.46	0.718
Santa Amélia - PR	406	1892	179	0.214587738	0.094608879	9870	0.41	0.653
Santa Cecília do Pavão - PR	517	1823	154	0.283598464	0.084476138	14321	0.47	0.723
Santa Cruz de Monte Castelo - PR	1129	4819	183	0.234280971	0.037974684	13407	0.38	0.71
Santa Fé - PR	1117	5968	263	0.187164879	0.044068365	11360	0.41	0.705
Santa Helena - PR	4007	13557	580	0.295566866	0.042782326	17620	0.52	0.744
Santa Inês - PR	119	878	67	0.135535308	0.076309795	12674	0.38	0.717
Santa Isabel do Ivaí - PR	1019	4692	233	0.217178176	0.049658994	9505	0.41	0.72
Santa Izabel do Oeste - PR	2294	6382	275	0.359448449	0.04308994	11109	0.45	0.696
Santa Lúcia - PR	697	2129	63	0.327383748	0.029591357	14156	0.44	0.687
Santa Maria do Oeste - PR	1999	5710	149	0.350087566	0.026094571	6375	0.48	0.609
Santa Mariana - PR	1003	6057	468	0.165593528	0.077265973	11998	0.43	0.7
Santa Mônica - PR	641	1903	53	0.336836574	0.027850762	10304	0.48	0.704
Santana do Itararé - PR	644	2274	161	0.283201407	0.070800352	8600	0.5	0.687
Santa Tereza do Oeste - PR	964	5145	124	0.187366375	0.024101069	15840	0.44	0.705
Santa Terezinha de Itaipu - PR	2442	10842	613	0.225235196	0.056539384	11650	0.44	0.738
Santo Antônio da Platina - PR	4294	22269	1609	0.192824105	0.072252908	11881	0.54	0.718
Santo Antônio do Caiuá - PR	69	1204	35	0.05730897	0.029069767	9499	0.35	0.696
Santo Antônio do Paraíso - PR	261	1101	55	0.237057221	0.049954587	14421	0.48	0.716
Santo Antônio do Sudoeste - PR	2709	9682	333	0.279797562	0.03439372	9503	0.52	0.671
Santo Inácio - PR	599	2855	206	0.209807356	0.072154116	27613	0.53	0.739
São Carlos do Ivaí - PR	462	3227	98	0.143167028	0.030368764	18899	0.4	0.682
São Jerônimo da Serra - PR	1706	4976	288	0.342845659	0.057877814	7498	0.53	0.637
São João - PR	1648	5649	180	0.29173305	0.031864047	16571	0.43	0.727
São João do Caiuá - PR	334	2745	206	0.121675774	0.075045537	10895	0.44	0.664

São João do Ivaí - PR	1031	5715	284	0.18040245	0.049693788	10487	0.43	0.693
São João do Triunfo - PR	3200	7010	197	0.456490728	0.02810271	15930	0.49	0.629
São Jorge d'Oeste - PR	1680	5291	223	0.317520318	0.042147042	12577	0.47	0.722
São Jorge do Ivaí - PR	682	2955	163	0.230795262	0.055160745	23822	0.43	0.743
São Jorge do Patrocínio - PR	1006	3737	93	0.269199893	0.024886272	8511	0.4	0.676
São José da Boa Vista - PR	975	3391	158	0.287525804	0.046593925	10165	0.43	0.671
São José das Palmeiras - PR	594	1942	109	0.305870237	0.056127703	10133	0.45	0.713
São José dos Pinhais - PR	27549	146612	7118	0.187904128	0.048549914	65526	0.45	0.758
São Manoel do Paraná - PR	191	1186	30	0.161045531	0.02529511	10478	0.44	0.725
São Mateus do Sul - PR	5695	21508	906	0.264785196	0.042123861	13826	0.49	0.719
São Miguel do Iguaçu - PR	3340	13370	582	0.249813014	0.043530292	21121	0.54	0.704
São Pedro do Iguaçu - PR	800	3376	143	0.236966825	0.04235782	13205	0.46	0.683
São Pedro do Ivaí - PR	908	5671	200	0.160112855	0.035267149	16866	0.4	0.717
São Pedro do Paraná - PR	232	1230	43	0.188617886	0.03495935	11136	0.4	0.704
São Sebastião da Amoreira - PR	698	4222	294	0.165324491	0.069635244	10533	0.44	0.715
São Tomé - PR	465	2861	87	0.162530584	0.030408948	16279	0.38	0.725
Sapopema - PR	730	3612	138	0.202104097	0.03820598	7604	0.58	0.655
Sarandi - PR	7712	42712	1915	0.180558157	0.044835175	8797	0.35	0.695
Saudade do Iguaçu - PR	585	2849	134	0.205335205	0.047034047	150042	0.47	0.699
Sengés - PR	918	7901	657	0.116187824	0.083154031	13764	0.51	0.663
Serranópolis do Iguaçu - PR	1344	3052	49	0.440366972	0.016055046	22712	0.5	0.762
Sertaneja - PR	501	2912	192	0.172046703	0.065934066	23284	0.53	0.725
Sertanópolis - PR	1799	8341	370	0.215681573	0.04435919	17883	0.43	0.723
Siqueira Campos - PR	2014	9487	411	0.212290503	0.043322441	12322	0.49	0.704
Sulina - PR	693	1655	73	0.418731118	0.044108761	11467	0.47	0.693
Tamarana - PR	1371	5787	188	0.236910316	0.032486608	12429	0.47	0.621
Tamboara - PR	404	2420	82	0.166942149	0.033884298	12059	0.34	0.731
Tapejara - PR	994	7043	330	0.14113304	0.046855033	15684	0.39	0.703
Tapira - PR	671	3320	166	0.202108434	0.05	9560	0.42	0.697

Teixeira Soares - PR	1795	5216	357	0.344133436	0.068443252	11930	0.51	0.671
Telêmaco Borba - PR	4406	32418	2908	0.135912148	0.089703251	25955	0.49	0.734
Terra Boa - PR	1309	8899	353	0.147095179	0.039667378	11528	0.4	0.728
Terra Rica - PR	1491	7896	282	0.188829787	0.035714286	10634	0.39	0.71
Terra Roxa - PR	2254	9866	334	0.228461383	0.033853639	19301	0.42	0.714
Tibagi - PR	1462	8298	474	0.176187033	0.057122198	20045	0.55	0.664
Tijucas do Sul - PR	2273	7597	310	0.299197051	0.040805581	14876	0.47	0.636
Toledo - PR	13060	70248	3282	0.185912766	0.046720191	20521	0.46	0.768
Tomazina - PR	1253	4586	55	0.273222852	0.011993022	11558	0.45	0.699
Três Barras do Paraná - PR	2721	6782	203	0.401209083	0.029932173	13539	0.5	0.681
Tunas do Paraná - PR	370	2542	128	0.145554681	0.050354052	8523	0.52	0.611
Tuneiras do Oeste - PR	947	4147	200	0.228357849	0.048227634	10585	0.38	0.695
Tupãssi - PR	1418	4491	163	0.315742596	0.036294812	18137	0.47	0.73
Turvo - PR	1371	6837	279	0.200526547	0.040807372	14660	0.52	0.672
Ubiratã - PR	2305	10703	460	0.215360179	0.042978604	15510	0.46	0.739
Umuarama - PR	11612	55922	3262	0.207646365	0.058331247	14618	0.48	0.761
União da Vitória - PR	4780	26136	2065	0.182889501	0.079009795	13844	0.48	0.74
Uniflor - PR	197	1351	54	0.145817913	0.039970392	11622	0.37	0.72
Uraí - PR	1283	5935	405	0.216175232	0.068239259	9410	0.48	0.721
Wenceslau Braz - PR	2199	9433	692	0.233117778	0.073359483	10073	0.52	0.687
Ventania - PR	672	4537	328	0.148115495	0.072294468	15047	0.42	0.65
Vera Cruz do Oeste - PR	1127	4314	263	0.261242466	0.060964302	12360	0.54	0.699
Verê - PR	1595	4614	97	0.345687039	0.021022974	13065	0.47	0.72
Alto Paraíso - PR	233	1196	51	0.194816054	0.04264214	11463	0.52	0.678
Doutor Ulysses - PR	835	2439	40	0.342353424	0.016400164	10952	0.49	0.546
Virmond - PR	916	2322	63	0.394487511	0.027131783	13536	0.53	0.722
Vitorino - PR	1070	3415	97	0.313323572	0.0284041	20632	0.48	0.702
Xambrê - PR	574	2906	117	0.197522368	0.040261528	7032	0.48	0.706